

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA SOCIAL – PPGMS
MESTRADO

ANDRÉA DA SILVA GRALHA

**ESPAÇOS DE MEMÓRIA, LUGARES DE ESQUECIMENTO – LIMA
BARRETO E A ‘REINVENÇÃO’ DO SÍTIO DO CARICO**

Rio de Janeiro
2015

Andréa da Silva Gralha

**ESPAÇOS DE MEMÓRIA, LUGARES DE ESQUECIMENTO – LIMA
BARRETO E A ‘REINVENÇÃO’ DO SÍTIO DO CARICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social como requisito para a obtenção do grau de mestre em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, área de concentração Memória e Espaço.

Orientador: Professora Dr^a. Andréa Lopes da Costa Vieira

Rio de Janeiro
2015

G744 Gralha, Andréa da Silva.
Espaços de memória, lugares de esquecimento – Lima Barreto e a
'reinvenção' do Sítio do Carico / Andréa da Silva Gralha, 2015.
89 f. ; 30 cm

Orientadora: Andréa Lopes da Costa Vieira.
Dissertação (Mestrado em Memória Social) - Universidade Federal do Estado
do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

Barreto, Lima, 1881-1922. 2. Memória social. 3. Espaço social.
4. Representação social. 5. Sítio do Carico. I. Vieira, Andréa Lopes da Costa.
II. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Centro Ciências Humanas
e Sociais. Programa de Pós-Graduação em Memória Social. III. Título.

CDD – 302

Andréa da Silva Gralha

**ESPAÇOS DE MEMÓRIA, LUGARES DE ESQUECIMENTO – LIMA
BARRETO E A ‘REINVENÇÃO’ DO SÍTIO DO CARICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social como requisito para a obtenção do grau de mestre em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, área de concentração Memória e Espaço.

Aprovada em RJ, 27/08/2015.

BANCA EXAMINADORA

Professora Dr^a. Andréa Lopes da Costa Vieira – orientadora
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

Professor Dr. Amir Geiger
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

Professor Dr. José Jairo Vieira
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Para a FAB, 'a casa no mundo' por mais de trinta anos...

Para o PAMB-RJ.

Para Lima Barreto.

AGRADECIMENTOS

Antes de me dedicar a essa empresa que foi o mestrado, ao ler trabalhos acadêmicos, eu achava que as páginas de agradecimento eram, no meio de um trabalho tão cerebral, uma peça de decoração, mera exigência e verniz. Nunca me enganei tanto! Ledo e grato engano! Porque, de fato, sem exageros nem retórica, o trabalho não teria se dado sem a ajuda de uma longa cadeia de pessoas. Ele nem teria se iniciado e, muito menos, se finalizado.

Na verdade, o produto desses quase três anos não foi apenas a dissertação em si como contribuição à academia, mas sim um grande processo de aprendizado, crescimento íntimo, renovação de ideias. Saio dele completamente diferente do que entrei. E não foi um processo fácil, em todos os sentidos. Mas sinto-me, hoje, gratificada, feliz e mais forte. Esse mestrado aconteceu justo em um momento de transição de vida, uma encruzilhada, um divisor de águas. E eu não poderia supor que quase seria soterrada pelas camadas imensas que se levantaram, umas movendo as outras, camadas de vida. E no meio disso tudo, um mestrado para dar conta, um outro processo a ser vivido – de crescimento intelectual e de vida também.

Não sei se para todos é assim; para mim foi. Mas tudo valeu a pena: as crises, as dúvidas, as idas e vindas no pensamento – a caminhada de crescimento é assim mesmo. Mas tudo isso para explicar que diante do que foi o mestrado na minha vida, renovando-a sob vários aspectos, como eu poderia dar conta dele sozinha? Não, não poderia! E, assim, agora eu entendo a página de agradecimentos - uma singela, mas justa homenagem aos copartícipes, aos sócios, aos cúmplices dessa empresa -. Sem a energia, o apoio e o incentivo, não seria fácil levar adiante. Portanto, essa é uma construção, de certa forma, conjunta. E ao final de uma obra, é preciso dar os créditos, o que faz dessa página de agradecimentos, peça indispensável!

Os meus agradecimentos, então:

Ao Coronel Aviador Edinaldo Célio de Araújo Souza, comandante do PAMB-RJ, entre 2008 e 2010, que me recebeu como nunca em minha vida profissional: generosidade, respeito e educação. Devo a ele ter me solicitado um artigo sobre a história do PAMB-RJ, gérmen de todo esse projeto.

Ao amigo e comandante do PAMB-RJ entre 2010 e 2012, Coronel Aviador Cláudio Aragão, que me deu a honra de ser sua oficial de gabinete, em estreito e profícuo aprendizado diário, pelo constante incentivo e confiança.

Ao Coronel Aviador Marcel Gomes Moure, que me manteve as portas do PAMB-RJ abertas entre 2012 e 2014, período em que o comandou e que eu já não mais lá estava.

Ao Cel Av Sylvio Malheiro Júnior, atual comandante do PAMB-RJ (2014 a 2016), pela amizade, respeito ao trabalho desenvolvido e total liberdade de ação.

Devo a todos esses comandantes o apoio, a amizade, o reconhecimento e o respeito, além do livre trânsito e acesso ao material do PAMB-RJ, no perfeito entendimento da importância do projeto que se desenvolvia, tanto para a Organização quanto para a cultura brasileira.

À amiga e historiadora Márcia Elisa Rendeiro, doutora também pelo PPGMS e coordenadora da especialização *lato sensu* 'Arte, cultura e sociedade no Brasil', na Universidade Veiga de Almeida, onde fui aluna a partir de 2009. Foi a primeira a enxergar nessa ideia um projeto acadêmico, incentivando-me e orientando-me no meu pré-projeto.

Ao prezado amigo Marcelo Benedicto Ferreira, agora também doutor pelo PPGMS, pelas suas observações ao meu anteprojeto, suas opiniões, incentivo, orientação e desprendimento quanto ao seu próprio projeto.

À historiadora Lilia Schwarcz (e equipe), que um dia 'bateu às portas' do PAMB-RJ em busca de parte da história de Lima Barreto, inspirando-me com a sua visita, e que, desprendidamente, doou-me as fontes e o material que havia pesquisado sobre o PAMB, Lima Barreto e as Colônias, em um gesto de entusiasmo, incentivo e generosidade.

Ao colega André Luiz dos Santos, professor doutor, entusiasta e pesquisador dedicado à vida de Lima Barreto, que 'me iniciou' no tema e comigo dividiu o aprendizado, a paixão, as vitórias e as agruras da estrada já trilhada.

Ao Brigadeiro Engenheiro Robson Fernandes Ramos, Subdiretor de Patrimônio da Diretoria de Engenharia de Aeronáutica, e a quem servi como ajudante-de-ordens, de 2012 a 2015, pelo seu constante incentivo, sensibilidade e compreensão durante todo o período de realização do curso.

Aos amigos queridos Glória Márcia, Evandro Prates e Lopes, com quem dividi o dia-a-dia da Diretoria de Engenharia de Aeronáutica e a quem tanto devo pelo muito que me deram de alegrias, tranquilidade, cuidados, carinho, autonomia, confiança e competência, não só facilitando o trabalho e isentando-me de muitas preocupações, como me incentivando com sua vibração e apoio.

Aos colegas da Escola Superior de Guerra e, especialmente, às alunas do Programa de Atualização da Mulher (ESG), que sempre vibraram com o meu projeto.

Aos colegas do PAMB-RJ, que vibraram com a realização dos estudos e a expectativa dos resultados.

Ao PAMB-RJ em si, com seu espaço mágico, seu conjunto ímpar, sua energia refazedora, onde fruí inspiração, motivação e renovação.

À Força Aérea Brasileira, pela experiência de vida única e pelo incalculável patrimônio moral, profissional e humano recebido. Deixo, na minha despedida, após mais de trinta anos de serviço ativo, essa homenagem e a minha gratidão.

Aos amigos Amélia, Eliana e Carlos, que me facilitaram a vida nos momentos mais cotidianos, fazendo preciosa diferença para o tempo de estudo e a realização da dissertação.

À amiga Leny Wolguemuth, pela ajuda constante e incentivo ao crescimento.

Ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social da UNIRIO, funcionários, professores e colegas, pela compreensão, paciência e ajuda constante.

Aos professores doutores das bancas de qualificação e defesa Andréa Lopes, Jairo Vieira e Amir Geiger pelas contribuições, sugestões e correções, bem como pelo excepcional caráter humano, compreensão, simplicidade e tolerância.

Aos grandes mestres do conhecimento – de ontem e hoje – com quem dialoguei e tive o prazer de aprender e crescer.

À minha família indistintamente – irmãos, cunhados, sobrinhos e tias -, que sempre me apoia em qualquer empreitada e que muito suportou de nervosismo e de ausências, confiando na minha capacidade intelectual e realizadora, incentivando-me constantemente.

À minha irmã Cristina em particular, que além do incentivo, do cuidado e da preocupação, muito se desdobrou nas revisões da dissertação madrugadas adentro, compartilhando comigo o nervosismo das correções como se fosse seu o trabalho.

Ao meu amado sobrinho Almir, com quem divido a casa e o coração, que com seu apoio técnico e moral decididamente me salvou várias vezes, e que com suas alegria e leveza me fez olhar tudo de forma mais tranquila e exequível.

Ao meu pai Almir, incansável no seu permanente cuidado e sustento espiritual e emocional, na demonstração de seu perene amor por mim.

À família e amores espirituais, que se preocupam e me apoiam constantemente nas lutas.

À falange de espíritos ligados à Literatura, às Artes, aos Altos-Estudos, interessados no progresso da humanidade através do estudo, que muito me inspiraram.

À Lima Barreto, pelo muito que me deu de sua alma, de sua arte, de sua humanidade. Pelo muito que aprendi, pelo muito que cresci. Pela honra de tê-lo como mestre, como companheiro, como amigo.

Aos muitos amigos, colegas e conhecidos que se preocuparam, se interessaram, torceram e incentivaram.

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

Como já disse, essa foi uma construção coletiva e cada tijolo foi essencialmente importante. No entanto, como em toda construção, há aquela fundação sem a qual nada seria possível erigir – pessoas que sem o seu esforço, empenho, dedicação e amor, esse trabalho não se completaria. A eles, mais que o meu agradecimento: a minha gratidão!

À minha orientadora, professora doutora Andréa Lopes Vieira, pela confiança, respeito, liberdade de trabalho e de pensamento; pela amizade, cumplicidade e companheirismo; pelo exemplo profissional, humano e de caráter; pela tolerância, compreensão, profundo entendimento da vida e das questões humanas.

À minha mãe, minha companheira constante, permanente, incansável, sem a qual eu nada teria feito. Minha amiga que incentivou, ajudou, torceu, acompanhou e acreditou que tudo seria possível, mesmo quando eu mesma não acreditei; que esteve ao meu lado, me sustentando emocionalmente em cada e todo momento dessa caminhada, desde o início, até o final.

Aos meus guias espirituais da Casa de Leon Denis, que me ampararam nos momentos mais difíceis, me tranquilizaram, me sustentaram, me inspiraram, me orientaram e me esclareceram.

“O que o homem espera da memória é que ela o salve da degradação, que o retire do tempo, conduzindo às verdades eternas, formas imóveis e anteriores a tudo o que se constrói, a tudo o que muda...”

Jean-Pierre Vernant

RESUMO

A pesquisa se debruça sobre parte do chamado Sítio do Carico, na Ilha do Governador, Rio de Janeiro, RJ, buscando reconhecê-lo como um complexo e multifacetado espaço de memória e elaborações identitárias. Pretende fazer uma reflexão acerca das possibilidades de representação desse espaço, segundo a trajetória histórica e as ocupações, relacionando tais representações à produção de memórias. Como ponto central, analisa a dinâmica da construção memorialística e as influências sobre a figura de Lima Barreto: a relação entre o espaço e a memória do escritor; a relevância desse espaço em sua trajetória; a existência de uma matriz de representação forjada a partir das suas memórias e das experiências pessoais do período em que lá residiu (1890-1902); e a decisiva influência dessa matriz na sua produção literária.

Palavras-chave: memória, espaço, representação, Lima Barreto, literatura.

ABSTRACT

The research focuses on the place called 'Sítio do Carico', on Ilha do Governador, Rio de Janeiro, RJ, searching to recognize it as a complex and multifaceted space of memory and identity elaborations. It intends to make a reflection about the possibilities of representation of that space, according to the historical background and occupations, relating such representations to the production of memories. As a central point, analyzing the dynamics of memorialistic construction and the influences on Lima Barreto: the relationship between space and the writer's memory; the relevance of this space in his trajectory; the existence of a forged representation core from his memories and his personal experiences of the period in which he lived there (1890-1902); and the decisive influence of this nucleus in his writing.

Keywords: memory, space, representation, Lima Barreto, literature.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABL	Academia Brasileira de Letras
BN	Biblioteca Nacional
FAB	Força Aérea Brasileira
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
GM	Guerra Mundial
IN	Imprensa Nacional
MB	Marinha do Brasil
PAGL	Prefeitura de Aeronáutica do Galeão
PAMB-RJ	Parque de Material Bélico do Rio de Janeiro
PPGMS	Programa de Pós-Graduação em Memória Social
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
UVA	Universidade Veiga de Almeida

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Colônia de Alienados - pacientes	38
Figura 2	Colônia de São Bento - pacientes	38
Figura 3	Colônia de Alienados - pacientes tocando flauta	39
Figura 4	Colônia de Alienados - pacientes jogando cartas.....	40
Figura 5	Colônia de Alienados - trabalho agrícola.....	41
Figura 6	Colônia São Bento - banda de música dos funcionários	41
Figura 7	Colônia - casas originais feitas por doentes	43
Figura 8	Colônia de Alienados – Ilha do Governador.....	43
Figura 9	Colônia de São Bento - desembarque de víveres	45
Figura 10	Colônia Conde de Mesquita - desembarque de funcionários - transporte de catamarã.....	45
Figura 11	PAMB-RJ, localização, Ilha do Governador - vista aérea	48
Figura 12	Ilha do Governador - o Morro do Carico ou Sítio do Carico: área em verde no centro da ilha	48
Figura 13	PAMB-RJ - Ilha do Governador - entrada atual	49
Figura 14	PAMB-RJ - antigo Depósito de Material Bélico	50
Figura 15	PAMB-RJ - bombas da 2ª G.M. estocadas ao ar livre	50
Figura 16	PAMB-RJ - um dos primeiros postos de serviço, feitos de madeira	51
Figura 17	Estrada do Galeão, Ilha do Governador - a abertura da via	51
Figura 18	A antiga casa do escritor Lima Barreto, no Sítio do Carico, onde morou de 1890 a 1902.	71
Figura 19	A casa do Sítio do Carico atualmente utilizada como Corpo da Guarda do PAMB- RJ.....	71

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1 O SÍTIO DO CARICO	28
1.1 AS DIVERSAS ‘CAMADAS’ DO SÍTIO DO CARICO	28
1.2 A HISTÓRIA	31
1.2.1 A Ilha do Governador: antigos moradores x novos inquilinos	31
1.2.2 Os donos do século: os Beneditinos	33
1.2.3 O higienismo e o alienismo: a criação das colônias	35
1.2.3.1 <i>Antecedentes</i>	35
1.2.3.2 <i>O isolamento</i>	36
1.2.3.3 <i>Os expoentes da psiquiatria brasileira</i>	38
1.2.3.4 <i>Da intenção à realização</i>	42
1.2.4 O esquecimento	46
1.2.5 A Organização Militar	47
1.3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	52
CAPÍTULO 2 LIMA BARRETO	53
2.1 A INFÂNCIA FELIZ: PROTEÇÃO E SEGURANÇA. O FUTURO PROMISSOR: INTELIGÊNCIA, ENERGIA E SONHOS	54
2.2 O RIO DE JANEIRO DE LIMA	57
2.3 ENGENHARIA OU LITERATURA?	59
2.4 O PRECONCEITO RACIAL: ASSIMILAÇÃO OU DENÚNCIA, CONFORMISMO OU REVOLTA?	61
2.5 OS DEMÔNIOS INTERIORES: ABANDONO, REJEIÇÃO E ALCOOLISMO. A LUCIDEZ NO MEIO DA LOUCURA: AS INTERNAÇÕES.....	63
2.6 O PAI E A DOENÇA: O HERÓI ABATIDO	66

2.7 A LIBERTAÇÃO	66
2.8 PORTAS FECHADAS, CORAÇÃO ABERTO: LIMA TOMA O MUNDO. A IMENSA PRODUÇÃO LITERÁRIA, INTELECTUAL E ARTÍSTICA	67
2.9 O ‘NÃO-LUGAR’ NO MUNDO? O LAR INTROJETADO. A FORÇA SIMBÓLICA. O CARICO	68
CAPÍTULO 3 O SÍTIO, LIMA E A MEMÓRIA	72
3.1 LUGAR OU ‘NÃO-LUGAR’?	72
3.2 ESPAÇO, TEMPO E MEMÓRIA.....	74
3.3 A REPRESENTAÇÃO EM LIMA BARRETO. A MEMÓRIA FEITA VIDA E ARTE. O PODER SIMBÓLICO SUSTENTANDO A VIDA.....	78
3.4 A CASA. O LAR. A FELICIDADE (RES) GUARDADA. O CARICO EM LIMA.....	81
CONCLUSÃO.....	83
REFERÊNCIAS.....	86

INTRODUÇÃO

O início de tudo.

Era abril de 2009. Eu havia sido transferida para uma quase desconhecida organização militar, sediada na Ilha do Governador, o Parque de Material Bélico do Rio de Janeiro (PAMB-RJ). Quase desconhecida até mesmo do público interno da Força Aérea Brasileira (FAB), pois as questões de segurança a faziam e a fazem uma instituição quase blindada.

Vencidos os altos muros, os portões cerrados e a segurança reforçada, entrei naquele lugar aparentemente assustador para ser um local de trabalho, mas seria o lugar que mais tarde se tornaria a inspiração para esse estudo. Lugar com tesouros escondidos e preciosos.

Foi mesmo como nas fábulas, onde entrar por uma passagem secreta dava a um ‘reino imaginário’, um mundo muito diferente do mundo real... Lá dentro, o ambiente era pacífico e acolhedor... A atmosfera leve, quase convidando a relaxar, a aproveitar a beleza e a vastidão. Extensa área livre e tranquila se avistava, com grandes espaços abertos, muitas árvores frutíferas, sombra, pequenos animais pulando aqui e ali, pássaros, riachos... Cenário onde a vista se perdia... Reconfortador. Revitalizante. Vez em quando uma bicicleta desfilava com alguém que não tinha pressa e acenava, e eu sentia-me sinceramente em uma pequena cidade do interior onde o tempo havia parado e os desconhecidos cumprimentavam ao passar... Mas era, de fato, um ‘outro tempo’, um ‘outro lugar’, uma outra ordem de coisas... Ali, integrei-me ao trabalho, que não era pouco; ao ambiente, que era simples e acolhedor; e às pessoas, que eram divertidas e afetuosas.

Recém-chegada, e como Oficial de Comunicação Social, fui solicitada a fazer um artigo sobre a história daquela Organização. A tarefa veio ao encontro da minha paixão pela cidade do Rio de Janeiro, sua história, suas estórias, suas memórias. Fui pesquisar sobre o local e os antecedentes dessa organização militar: o Rio de Janeiro, a Ilha do Governador, o Morro do Carico, as ondas de ocupações, as pessoas que ali viveram, as tensões, as relações, as marcas deixadas; enfim, a intrincada malha que se teceu ao longo do tempo.

Breve histórico.

A história desse lugar remontava ao séc. XVI, quando as terras ainda eram ocupadas e disputadas por inúmeras tribos indígenas. Com a chegada dos colonizadores europeus, foram, então, ocupadas, divididas e doadas - algumas para a habitação e outras para a exploração. Já em fins do séc. XVII, essas terras passaram, através de doações de particulares, às mãos dos monges beneditinos, que as tiveram em sua posse por mais de um século e que, finalmente depois de desapropriadas, passaram à Monarquia.

A República trouxe em seu bojo os anseios ditos vanguardistas de alguns grupos sociais e, assim, novas abordagens seriam incentivadas, como também novas diretrizes para os tratamentos de saúde pública. Assim, planejou-se e implementou-se a criação de colônias psiquiátricas (utilizando o mesmo espaço das colônias de mendigos já existentes no período monárquico) - ditas colônias de alienados -, destinadas aos “loucos não perigosos”, com tratamento vinculado ao trabalho e à natureza, em consonância com as teorias psiquiátricas da época.

Funcionando ali por mais de trinta anos, as chamadas ‘Colônias do Galeão’ foram totalmente desativadas em 1923. Devido à necessidade de ampliação da área ocupada pela Marinha do Brasil (MB) para a formação de uma base aeronaval e também por problemas no funcionamento e por denúncias de corrupção de verbas, essas colônias tiveram seus pacientes transferidos gradualmente para outros locais. Em 16 de março de 1945, ainda na esteira da 2ª Guerra Mundial (GM), é criada nessa área uma organização militar, o Depósito de Material Bélico da Aeronáutica, atual PAMB-RJ.

Lima Barreto.

Foi assim que, tanto a Colônia Conde Mesquita, na Ponta do Galeão, região do antigo Aeroporto do Galeão, como a Colônia de São Bento, no antigo Convento de São Bento, foram criadas. É nessa última, a Colônia de São Bento - na área também chamada de Carico ou Morro do Carico ou Sítio do Carico -, em que iremos concentrar o olhar do pesquisador. Lá, como almoxarife, escriturário e administrador das colônias, descobri que residira João Henriques de Lima Barreto, pai do escritor carioca, da dita fase pré-modernista Afonso Henriques de *Lima Barreto (1881-1922)*, ambos protagonistas de capítulo dramático e genial

da história e da cultura brasileiras. A história da família e a do escritor confundem-se, portanto, com a história do lugar, e à medida que fui estudando os fatos, vi que era impossível dissociar o Sítio do Carico de Lima Barreto.

Foi a partir desse drama e das suas consequências, que a nossa história se desenrolou, pois que descerrou um novo cenário e uma nova problemática aos olhos dessa observadora curiosa. A marca que o espaço deixou na vida desse personagem, as suas percepções acerca dele e todo o repertório imaginário construído por Lima Barreto foram o desafio e o encanto desse estudo.

Instalou-se ali, então, a família Lima Barreto. O pai, viúvo e com quatro filhos pequenos, recém-saído das ebulições do último quartel do séc. XIX, monarquista e ativista 'ferrenho', perdera seu cargo na Imprensa Nacional por questões político-partidárias e conseguira, por apadrinhamento, uma colocação nas recém-criadas colônias de alienados da Ilha do Governador. Espaço de esperança...

Solitário, sem a parceria da esposa (perda e trauma que seriam marcantes e determinantes para a vida do jovem Lima Barreto), João Henriques viu os sonhos de uma promissora vida profissional e familiar irem por água abaixo, lutando pela sobrevivência e tentando a produção literária engajada - necessidade e desejo nem sempre conciliáveis. E, ali, no Sítio do Carico, onde passou a morar e a trabalhar (visto que conseguira a vaga de almoxarife, escriturário e depois, administrador das colônias), foi que nutriu a esperança de um futuro mais estável e tranquilo, para si e para toda a família.

No entanto, após todo o esforço de reequilíbrio e busca de estabilidade, o Carico, cenário de anos de felicidade e promessa de tranquilidade, seria também palco de tragédia, pois que João Henriques seria acometido por um 'repentino' surto psicótico. Enlouquece no ano de 1902. Espaço de melancolia...

Com a doença do pai, a família, que conseguira um porto seguro depois de tantas atribulações, teria, então, de se mudar das colônias. Haviam conseguido, no Sítio do Carico, o *tempo* e o *espaço* de paz: o "Sítio do Sossego", um tempo e um lugar que nunca mais se repetiriam...

O jovem Lima, já marcado definitivamente pela precoce ausência da mãe e agora, tragicamente pela repentina doença do pai - doença que não só o abateu, mas também o solicitou, teria de interromper os estudos e a promissora formação acadêmica (cursava então a Escola Politécnica de Engenharia) -: acontecimento que transformaria definitivamente a sua vida e frustração que o marcaria de forma perene. Seguiria não conseguindo equilibrar-se, a

despeito do enorme talento literário e da aguda inteligência. Iria de insucesso em insucesso, frustração em frustração e seria a muito custo que conseguiria colocações profissionais que o manteriam - muito abaixo de suas largas possibilidades intelectuais -. Obrigado, assim, a abdicar do sonho de dedicar-se totalmente à carreira literária, em função de prover o sustento do pai enfermo, Lima amargaria a vida inteira os sonhos desfeitos, o não reconhecimento “oficial”, os preconceitos sofridos, o prestígio formal não alcançado.

Abatido pelos golpes da vida, o jovem escritor se entregaria às noitadas, ao álcool e à depressão. Lima Barreto: negro, pobre, alcoólatra... A vida que se desenhou não foi a sonhada, a imaginada, a buscada... As decepções com o mundo e com as pessoas o fariam se entregar mais ainda ao abandono de si. Levava a embriaguez às últimas fronteiras: alucinações, internações psiquiátricas, o corpo comprometido em doenças e a alma em sofrimentos... Viveria para a literatura, mas não dela! E se consumiria naquilo que não pode, que não fez, que não viria a ser. E, curiosamente, tudo isso - esse avesso, esse ‘não-lugar’ - viria a ser o seu repertório, a sua identidade, a sua expressão, a sua obra; ao menos, parte dela. Morrerá ao 1º dia de novembro de 1922. Dois dias depois, morrerá seu pai.

A obra literária que conseguiu construir, no meio de tão atribulado estado d’alma, ainda permanece, podemos dizer, pouco conhecida e mal apreciada pelo grande público. Apesar disso, é oficialmente reconhecido como um dos grandes escritores da fase pré-modernista da literatura brasileira. Inquieto, irônico, realista. Na sua obra, biografou-se. Nos personagens, projetou o pai, a mãe, as casas, a infância. Nos cenários: os sonhos, as angústias, as frustrações - a tragédia e o drama do viver -. Através da pena, deu voz às suas mazelas e às mazelas do seu tempo. Patriota, denunciou o Brasil e a política de então. Tão atormentado quanto inteligente, profundo, sensível, complexo e provocador. Mente brilhante e rápida; espírito rebelde e transgressor. Consciência clara e aguda, sentiu-se um injustiçado do mundo, um segregado, um incompreendido.

Em 2002, o professor doutor André Luiz dos Santos, em pesquisa para a sua dissertação de mestrado para o Departamento de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), descobriu que parte do Sítio do Carico e a casa onde o escritor morara dos 9 aos 21 anos (de 1890 a 1902) ficavam nas terras do atual PAMB-RJ, que reconheceu oficialmente a autenticidade da moradia. Comparações do terreno, da casa, da vegetação e de vários detalhes com as descrições feitas nos textos do próprio Lima Barreto, apontaram ali o “seu” Sítio do Sossego (de “Triste fim de Policarpo Quaresma”), com suas mangueiras e seu riacho - o real Sítio do Carico. O ambiente da Ilha do Governador ficou registrado em alguns

dos 17 livros de Lima Barreto, pois o escritor citava o bairro em crônicas e utilizava as peculiaridades locais em sua obra ficcional. A influência do espaço, portanto, é fato marcante nos textos do escritor.

A casa da família Lima Barreto ainda está lá nesse espaço, quase intacta, e o ambiente descrito nos livros do escritor, com muitos dos referenciais naturais, ainda existe. Da criação do PAMB-RJ, em 1945, aos dias de hoje, a Instituição permaneceu quase a mesma. A paisagem do lugar foi muito pouco alterada, em função de um período de ‘esquecimento’ (1923-1945) do lugar e também das atividades ali desenvolvidas posteriormente, acabando assim, por guardar e preservar, através dos tempos, um patrimônio precioso para a cultura brasileira. Ainda que ‘por acaso’, um “capricho do destino” fez erigir ali uma instituição que, voltada para o sigilo e a segurança, e, por isso, ‘esquecida do mundo’, guardou como jóias intocadas as memórias de várias décadas, quiçá de vários séculos. Esquecida do mundo como os mendigos, os alienados e Lima Barreto...

A ideia em gestação.

Tendo chegado a esse ponto, percebi que Lima Barreto seria a chave para o mistério desse lugar. Ele era a figura aglutinadora de todos aqueles que por ali passaram; de todos os sentimentos que se ancoraram naquele espaço. E seria possível que um lugar pudesse registrar a marca transgressora e marginal de vários grupos e indivíduos? Seria possível que um lugar pudesse perpetuar os sentimentos que ali se instalaram através dos tempos? Seria possível que um espaço como esse pudesse ‘reter’ e ‘revelar’ várias ‘camadas’ de memória, de acordo com o tempo e as circunstâncias?

Por essa época, iniciei um curso de especialização “*lato sensu*” na Universidade Veiga de Almeida (UVA), RJ, que vinha ao encontro de meus interesses de estudo sobre cultura brasileira: “Arte, cultura e sociedade no Brasil - da Colônia à República”. Nesse curso, novas portas abriram-se e novas descobertas foram feitas. A área de memória descortinou-se com a disciplina ‘Memória e Imagem’ e, porque não dizer, com a enorme influência provocada pelo corpo docente, que participava também do Programa de Pós-Graduação em Memória Social (PPGMS) da Universidade Federal do estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Assim, envolvida por esse cenário e inspirada por esse material, decidi investigá-los e analisá-los melhor.

Vislumbrei a ideia das ‘camadas de memórias’, observando que os ‘lugares de memória’ poderiam ser simbolicamente ‘sedimentados’ em uma espécie de ‘arqueologia da memória’. Essas memórias - desde a presença dos grupos indígenas, da ocupação dos Beneditinos, das colônias de mendigos, das colônias de alienados, de Lima Barreto, do próprio período de desativação e o da memória militar -, pareciam estar intimamente ligadas por um fio condutor.

Desconstruir, revelar e discutir esses lugares de memória, a sua relevância para o momento atual e para os grupos envolvidos, e trazê-los à tona seria como ‘escavar’ um profundo terreno com diversos níveis de significados, significações e ressignificações. Um mesmo lugar sendo dimensionado e redimensionado inúmeras vezes, dadas as significações forjadas ali através do tempo. E, por incrível coincidência do destino, o mesmo lugar servira por muitas décadas a grupos reclusos e, porque não dizer, marginalizados, excluídos e invisíveis. Lugar, então, com uma vida secreta, íntima, silenciosa, e que ganhara marcas emocionais através dos tempos.

O espaço - signo aglutinador e evocador de todo o passado e de todas as vivências, patrimônio e representação ao mesmo tempo - traria, por exemplo, novas luzes à questão *barreteana*: a relação do escritor com o lugar; a representação por ele dada ao lugar; as narrativas e memórias construídas; a intrincada composição entre memória individual e memória coletiva; a imagem criada a seu respeito e à sua memória. Além disso, um interessante olhar também se lançaria ao funcionamento das colônias, permitindo também uma releitura da memória de espaços de alienação, de reclusão, de invisibilidade.

Nesse momento em que a cidade do Rio de Janeiro, mergulhada em obras, passa por todo um processo de discussões e de ressignificações do seu passado, essa pesquisadora lançou um olhar para um determinado espaço da cidade, intencionando estudá-lo com todo o seu repertório de representações, significações, ressignificações e dinâmica específicos, em absoluta sincronia entre pesquisa e momento presente. O Sítio do Carico guardou nas suas dobraduras - dobraduras do tempo e da história - evocações de todas essas memórias. O nosso olhar para esse cenário nos deu a certeza da nossa escolha: de recortá-lo, dentre muitos. Um cenário que nos emociona, nos apaixona, nos envolve, nos intriga e nos lança muito longe em nossos questionamentos.

Este estudo pretende dar a sua modesta contribuição para as pesquisas na área de Memória Social e, mais especificamente ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social (PPGMS) da UNIRIO, com base nos conceitos e teorias clássicas de Memória, debruçando-se

sobre determinado universo, lançando novos questionamentos, permitindo novas reflexões e ousando encontrar algumas respostas para o registro e a ampliação do conhecimento.

Representação.

Percebi que as representações de cada ‘camada’ do Sítio do Carico estavam associadas a narrativas diferentes, de sujeitos diferentes ou de mesmos sujeitos em circunstâncias diferentes. Essas narrativas produziram representações, que se apresentariam como um ícone evocador dos significados. As representações condensariam, então, os significados do objeto, que se desvendariam à luz de uma ótica específica e selecionada.

Um ponto a ser destacado é o de que essas diferentes representações possuam elementos comuns, que as habilita a serem componentes do mesmo ‘corpo’, integradas pelo mesmo tipo de vivências, pela mesma constituição de experiências. Tais como serem espaços fechados e isolados do contato social maior (variando no seu grau de confinamento); o de terem uma população interna dita ‘marginalizada’; o de terem uma baixa troca com o meio social externo; o de, enfim, terem se voltado para dentro de si e aí terem produzido toda a sua vida social e as suas vivências pessoais, não deixando, por isso, de ter uma riqueza de produção. A ideia de que o confinamento ou reclusão ou sigilo tenham protegido esse manancial de experiências - a ideia de proteção do espaço, que permeará todas as fases do Sítio do Carico - e lhe dado uma marca comum deve ser ressaltada.

É, então, possível associar a cada período, a cada dinâmica, a cada experiência uma ou mais representações do Sítio do Carico.

O período onde o território é palco de lutas entre os vários grupos indígenas e, posteriormente, com o colonizador europeu, forja uma representação de espaço ‘não-civilizado’. A ideia de que o homem branco trará a ‘civilização’ foi difundida e imposta pela força como solução. A vastidão do espaço teria de ser ‘domada’; a divisão da terra, seu uso e ocupação o ‘domesticaria’. A representação de que há um destino a ser atingido com a transformação e a ocupação do espaço.

O período da presença beneditina permite não só a ocupação, mas também ‘proteção’ do espaço pela instituição religiosa e traz a representação de ‘lugar respeitado’ e ‘livre de invasões’; o lugar ‘santo’ onde ninguém ousa penetrar ou abalar a ordem.

O período da existência das colônias é riquíssimo, pois que ecoa inúmeros signos representativos. O espaço continua a ser um lugar de confinamento, isolamento e reclusão, que quase não permite trocas sociais com o meio externo. A invisibilidade do indivíduo e dos grupos chega ao grau máximo. No entanto, há também no imaginário a ideia de lugar de tratamento, de recuperação, de abrigo, de casa. Então, se por um lado, é visto com desconfiança, temor, repulsa e preconceito; recebe, por outro, a representação de refúgio, de espaço de tranquilidade, de refazimento, de aceitação. Há aqui duas vertentes: a externa e a interna.

Após a desativação das colônias, poderemos identificar um período a que chamamos de ‘esquecimento’. Mas o esquecimento não é a ausência de memórias e sim a opção pelo silêncio - necessário, que descansa, que refaz -. O esquecimento como a possibilidade de regeneração, principalmente após fatos traumáticos, quase que por uma necessidade de recomposição, de descanso após a exaustão. Como a passagem por uma fase que possa tê-lo exaurido, o Sítio do Carico descansa e se recompõe. O esquecimento, por vezes uma ‘bênção’, pode mesmo ser uma condição de existência, de continuidade. A representação do espaço não é de vazio, mas de portas fechadas, de oculto: visto de fora, ele é o desconhecido; por dentro, ele é a reconstrução. Diria Paul Ricoeur (2007, p.254) a esse respeito: *“As forças de lembrança versus as forças de esquecimento e o tempo é o conceito inseparável do conceito de memória. Só há esquecimento onde houve marca”*.

A constituição da organização militar nesse espaço vem reforçar algumas ideias e, diríamos, talvez aglutinar todas as características anteriores. Por mais de sessenta anos, o espaço foi preservado devido a algumas das características da vida militar: o sigilo e a segurança. O espaço pôde, então, continuar a sua ‘evolução,’ como ente vivo, a muros fechados, preservando todas as marcas a que fora submetido.

A representação em Lima Barreto: o Sítio do Carico ‘reinventado’.

Dentro desse universo, interessou-nos mais de perto, então, o período das colônias de alienados, no qual se dá a história da família Barreto e, mais especificamente, a do escritor Lima Barreto. O escritor sempre retratou em sua produção literária as suas experiências biográficas e todo o universo vivido, seja nos enredos das histórias, na descrição dos cenários ou na composição dos personagens; seja na ficção, no jornalismo, na correspondência

particular ou nos escritos íntimos. Identificamos, no entanto, que especificamente o Sítio do Carico, com toda a sua gama de experiências e vivências, foi “recriado” e “transplantado” para os livros do escritor, e passou a fazer parte do imaginário *barreteano*. Verifica-se que houve o que chamaríamos de uma ‘internalização’ do Sítio do Carico, uma apropriação do espaço real e uma ressignificação do espaço imaginário (aqui como conjunto de vivências, experiências e práticas pessoais e sociais) segundo a conotação que tal vivência lhe inspirou. As influências do lugar, da casa onde morou, das pessoas com quem conviveu, do ar bucólico do bairro e das experiências ali vivenciadas - da infância protegida e feliz - tornaram-se parte dos textos de Lima, do seu repertório, bem como parte de si próprio por toda a sua vida. O imaginário ancorado no real. O real revivido e transmutado. Reconstruído. Reinventado.

Observa-se, ainda, a dicotomia da representação do objeto: um significado para quem o olha e outro para quem o vivencia. Se para o público externo o espaço aparece como ‘prisão’, como algo ligado à segurança ou como uma grande interrogação; ao transpor os seus muros, a beleza dos campos e árvores, a suavidade do cenário e a tranquilidade da atmosfera apontam uma representação diversa. O espaço apresentaria uma imagem externa e uma interna, esta última relacionada a vivências gratificantes e felizes. Essa visão é reforçada pelo imaginário criado pelo escritor Lima Barreto: é a partir das suas experiências individuais que o Sítio do Carico sofre uma recriação e se torna o Sítio do Sossego: o lugar onde (re)encontraria a paz, a proteção, a segurança, a alegria, a felicidade diante dos tormentos e dos temores que o acompanhariam por toda a vida.

Quadro teórico, metodologia, fontes.

Fundamentalmente, o debate dar-se-á no campo da teoria clássica da Memória Social, em diálogo com Maurice Halbwachs, abordando a construção de memórias e os conceitos de memória coletiva e memória individual, seu entrelaçamento e interdependência em relação aos dois sujeitos da pesquisa - o espaço e Lima Barreto -. Com Walter Benjamin e Beatriz Sarlo, no que tange a Lima Barreto e a delicada concepção de narrativas como construções de memória e a importância dos testemunhos, respectivamente, acreditando que o estudo da questão de Lima Barreto com o Sítio do Carico tem seu foco na experiência humana, que considera a singularidade de cada indivíduo. Buscaremos também a contribuição de Pierre Nora para averiguar a possibilidade de aplicação do conceito de ‘lugares de memória’.

O trabalho encontra-se dividido em três capítulos e uma conclusão; sendo que os dois primeiros capítulos abordam objetos diferentes, autônomos e independentes, mas que guardam entre si uma relação, que foi abordada no terceiro capítulo.

No primeiro capítulo, abordaremos, então, o primeiro sujeito: o espaço. Nele, o Sítio do Carico foi apresentado, contextualizado e algumas questões teóricas relacionadas ao espaço foram levantadas.

E no capítulo dois, abordaremos o segundo sujeito: Lima Barreto. Nele, o indivíduo foi apresentado, sem pretender biografá-lo, mas sim trazer e destacar elementos relevantes de sua história e trajetória para posterior discussão, relacionando espaço e indivíduo.

Já o terceiro capítulo reúne as informações dos dois capítulos precedentes e enseja um debate à luz das teorias de memória social, relacionando os dois sujeitos da pesquisa e levantando questionamentos a respeito da construção memorialística, das narrativas e dos significados.

As considerações finais apresentarão as conclusões da pesquisa. Parece-nos importante ressaltar e reafirmar que tanto o capítulo 1 não pretende ser um estudo histórico-geográfico do lugar, nem o capítulo 2 uma biografia ou uma análise literária da obra do escritor. Ambos os sujeitos estão modestamente inseridos em um campo muito específico de questionamento e argumentação, e apenas os dados relevantes a essa argumentação foram trazidos. Qualquer outra informação adicional deve-se à necessidade e também ao desejo de melhor informar, embasar e compor as bases para o raciocínio. Profissionais específicos dessas áreas fizeram brilhantemente suas análises e é neles que nos apoiamos para o nosso raciocínio.

Na tentativa de reconstituição do espaço e do entendimento das várias transformações ali ocorridas, foram utilizados os mapas e fotos disponíveis sobre o Sítio do Carico, a Ilha do Governador e a cidade do Rio de Janeiro, disponíveis na Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro - PAMB-RJ. De fundamental ajuda foi também o material da historiadora Cybelle de Ipanema, especializada na história da Ilha do Governador; as pesquisas de Cristiana Fachinetti sobre a história econômica do bairro; o trabalho do pesquisador Jorge Victor de Araújo Souza sobre a presença beneditina no Brasil; a dissertação de mestrado do professor Paulo Amarante, da Fundação Osvaldo Cruz (Fiocruz), gentilmente disponibilizada por ele e que trata da história do sistema psiquiátrico no Brasil. E, ainda, a dissertação de mestrado do professor André Luiz dos Santos, cujas pesquisas, persistência e dedicação levaram ao reconhecimento da casa de Lima Barreto pelo PAMB-RJ, dando início a toda essa ‘aventura’ intelectual.

Foram consultados também os documentos, arquivos, registros e anotações dos livros administrativos referentes à criação e manutenção das colônias de alienados, que se encontram disponíveis na Biblioteca Nacional (BN) e gentilmente cedidos pela historiadora Lilia Schwarcz e sua equipe (os pesquisadores Lúcia Garcia e Pedro Galdino); e os arquivos do Instituto Municipal Nise da Silveira e do Instituto Philippe Pinel.

Disponível também esteve, para a pesquisa, todo o material referente à organização militar ali hoje existente (arquivos do PAMB-RJ), em forma de documentos e fotos, além de mapas e documentos adicionais disponíveis na Prefeitura de Aeronáutica do Galeão (PAGL).

A pesquisa não poderia deixar as fontes biográficas, colhendo todas as informações possíveis tanto na biografia oficial do escritor Lima Barreto (do amigo e escritor de Francisco de Assis Barbosa) como nas suas próprias obras. Como já mencionado, não é nossa intenção biografá-lo, visto que isso já foi feito, mas trazer um novo enfoque à sua personalidade, trajetória e memória, em consonância com todo o objeto de estudo, colhendo ainda as muitas referências ao lugar estudado, presentes na sua produção literária. As obras ‘*Diário Íntimo*’ e ‘*Cemitério dos Vivos*’ – esta última anotações diretas dos últimos e mais trágicos dias de sua vida - mostram os períodos de internação psiquiátrica do escritor e foram também valiosas fontes para essa pesquisa, com citações e relatos sobre o indivíduo Lima Barreto, sua vida, o espaço em questão e as experiências ali vividas.

Formada uma imagem do real Sítio do Carico na época da colônia de alienados, abrangendo espaço, organização, dinâmica e moradores, procedeu-se à comparação desse quadro com as imagens criadas pelo escritor para o lugar, pessoas e cenário político-histórico-social, presentes em sua produção literária e suas citações. O trabalho de análise qualitativa foi apoiado nos teóricos escolhidos, em diálogo com seus conceitos, de forma a possibilitar chegar à afirmação da criação de um universo *barreteano* para o Sítio do Carico, uma espécie de ‘universo paralelo’ para o espaço, com as experiências e as pessoas desse sítio real, e o entrelaçamento entre esses dois sujeitos - homem e espaço.

Últimas considerações.

A presente pesquisa vem aglutinar temas que são caros a essa pesquisadora: o espaço, o PAMB-RJ, a cultura, a literatura, Lima Barreto e o País.

Primeiramente, a paixão pela cultura, pelo estudo e pela literatura sempre estiveram presentes em toda a minha vida. Aliar essas paixões à pesquisa que aborda um tema relacionado a um espaço hoje militar é também uma homenagem a esse universo, base de minha formação, minha segunda família e segunda casa, local de valores preciosos que nortearam minha trajetória no mundo.

Estudar a figura de Lima Barreto, com sua fascinante e dramática história, expoente do universo da cultura brasileira e, mais especificamente, da literatura brasileira. Já é notório o seu talento e a dimensão da sua obra literária; é, no entanto, ainda um tanto ou eclipsado ou ‘glorificado’ o drama pessoal do escritor carioca pobre e mulato e sua tortuosa trajetória. E de como, curiosamente, sua produção literária foi a extraordinária materialização do seu drama. Nos últimos anos, têm se proliferado, nas diversas áreas do conhecimento, as teses, os artigos, os ensaios e as pesquisas sobre Lima Barreto: indício que há muito material a ser estudado e a ser descoberto, a interessar às cabeças pensantes e a municiar o Brasil e suas lutas atuais com sua tão lúcida escrita. Lima nunca foi tão contemporâneo! E tão necessário!

E Lima tem (ao contrário dos que muitos achariam) muito em comum com a vida militar em sua essência: no que diz respeito aos valores genuínos; à forma direta, frontal e corajosa de se colocar; e, mais que tudo, ao sentimento de querer o melhor para o País e sua gente, lutando cada qual ao seu modo. E, soberanamente, digo que me identifico com Lima Barreto em muitos e muitos aspectos: emocionais, intelectuais, comportamentais. Então, essa não foi uma escolha ao acaso, mas uma encruzilhada onde vários caminhos se uniram, um encontro do destino.

O Sítio do Carico, por sua vez, fez e faz parte também da vida dessa pesquisadora, que mantém com o espaço, com o PAMB-RJ, um forte elo emocional, com marcas e memórias importantes e felizes, tendo vivido ali um momento de sua vida profissional e pessoal de muito crescimento, aprendizado e gratificação no encontro raro com verdadeiros amigos, com o trabalho motivador e com a missão patriótica - anônima e silenciosa - dessa Organização Militar (OM).

O espaço em si foi um disparador da imaginação: ‘detém’ uma gama de riquezas ainda não exploradas e passíveis inclusive de novos questionamentos intelectuais, pois que é um enclave singular de experiências. E a cidade do Rio de Janeiro, palco de acontecimentos históricos importantes, sempre nos fascinou, e a Ilha do Governador, por sua vez, é um bairro com moradores que valorizam e cultivam sua história e patrimônio cultural, mas que, ainda assim, carece de pesquisas que lancem justas luzes sobre os fatos históricos (cabe lembrar

inclusive que o bairro teve importante participação nas Revoltas da Armada - 1891 e 1893). O Bairro e a Cidade, então como cenários para os nossos ‘personagens-tema’, os emolduram brilhantemente e enriquecem o debate.

Assim, unir esses dois temas já tão entrelaçados - Lima Barreto e o Sítio do Carico -, emoldurados por tantos elementos motivadores, em um olhar renovado e renovador, ampliador de ideias, exaltando o campo da memória social, aplicando as suas teorias, buscando novos horizontes e novas respostas, mostra-se não só encantador, como desafiador. O Sítio do Carico poderá nos dizer alguma coisa sobre quem foi Lima Barreto, lançando luzes sobre esse personagem da história e contribuindo para alargar a compreensão sobre o que ele foi, o que não foi e o que poderia ter sido. E Lima Barreto poderá nos dizer alguma coisa sobre o Sítio do Carico, sobre as relações da época; sobre as questões de percepção relacionadas a tempo, lugar, experiência individual e experiência coletiva; e, finalmente sobre a construção de memórias, relacionando indivíduo e espaço, vida e sonho, mundo e casa.

Por fim, confesso que essa não foi uma trajetória fácil nem simples. Se por um lado, eu tive todo o espaço à minha disposição, para sentir a energia do lugar, a energia de Lima Barreto no lugar, para imaginar as colônias e o seu funcionamento, para andar e respirar o mesmo ar daquelas pessoas, para pensar como se sentiram ali, para ver com os meus olhos tudo o que viram com os seus... Se por um lado, tive isso tudo à disposição... por outro lado, tive isso tudo à disposição!... E isso foi grandioso demais... e não cabia numa dissertação, numa tese, num enquadramento acadêmico. Se por um lado, tive a casa de Lima Barreto ali tão ‘à mão’ e o “vi” correndo entre mangueiras e riachos, e o “surpreendi” cheio de sonhos, livre e feliz... eu o soube arrasado e rastejante pelas sarjetas das ruas do Rio de Janeiro na vida adulta, internado em hospitais psiquiátricos... E isso tudo foi demais para mim... Eu já havia me tornado sua cúmplice, sua parceira, sua companheira de brincadeiras da meninice, uma habitante eterna do Carico também.... E ao saber que aquele meu amigo de infância havia sofrido tanto... então eu sofri também! E foi sofrendo que escrevi. Então essas linhas que se seguirão estão despidamente banhadas em lágrimas, em emoção, em dor... minhas, todas minhas.... O trabalho acadêmico não conseguiu conter isso.... e como foi difícil essa construção, essa estrada.... Então, se essas letras parecerem às vezes ‘pouco sólidas’, ‘meio fluidas’, é porque elas estão empapadas, bezuntadas de sentimento... que eu acho, que eu quero e que eu sei que fazem parte dessa minha tecitura, dessa minha caminhada com Lima, no Carico.

CAPÍTULO 1. O SÍTIO DO CARICO.

O presente capítulo visa a apresentar um dos objetos da nossa pesquisa: o espaço.

Nele, será feita uma contextualização histórica, com uma abordagem panorâmica, mostrando as principais influências determinantes na formação desse espaço. Dividida essa apresentação em grandes ‘fases’ por mim demarcadas - as quais chamei de ‘camadas’-, e que considero tenham trazido elementos fundamentais para o entendimento do que é o Sítio do Carico hoje. Pretendo mostrar como esse local passou por vários processos de ressignificação, em suas várias experiências ao longo do tempo e como o sítio do Carico tornou-se um universo novo, resultado talvez desses vários elementos diferentes. Dessa forma situado, estar-se-á mais apto a entender a análise que se fará, posteriormente, da delicada e complexa relação do nosso segundo sujeito - Lima Barreto - com esse espaço.

1.1 AS DIVERSAS ‘CAMADAS’ DO SÍTIO DO CARICO.

O Sítio do Carico, localizado na Ilha do Governador, servira por muitas décadas a variados grupos, por assim dizer marginalizados, excluídos e invisíveis. De abrigo de mendigos e colônia para os “loucos não perigosos” aos dias de hoje, o local permaneceu quase o mesmo: a paisagem do lugar foi muito pouco alterada, acabando, assim, por guardar e preservar um patrimônio precioso para a cultura brasileira. E o tempo fez erigir ali uma instituição militar que, pelo seu caráter de sigilo e segurança, acabou por guardar como jóia intocada a história de vários séculos. Lugar que ganhara marcas invisíveis através dos tempos.

Essas fases - a da colônia de mendigos, a da colônia de alienados, a do próprio período de desativação e a atual -, estão intimamente ligadas por um fio condutor, com causas e agentes que as moldaram, repletos de significados, significações e ressignificações. Um mesmo lugar sendo dimensionado e redimensionado inúmeras vezes, dadas às significações depositadas ali através do tempo. E mais: a ideia de que todas essas ‘camadas identitárias,’ em conjunto, possam ter construído uma identidade para os dias presentes ou trazido elementos para tal.

Esse microcosmo, espaço de estudo - sujeito e objeto ao mesmo tempo -, foi constituído por várias ações: a ação da História; a ação das instituições sociais; e a ação humana, no que tange às experiências ali vividas. Ações e experiências que se traduzem em novas narrativas, relacionando-se, dessa forma, com a produção e construção de memórias. Embora sejam abordagens transversais, complementares e intrinsecamente relacionadas, tentaremos mostrá-las separadamente. Para isso, é importante entender a sua história de uma forma geral, a sua trajetória e as experiências que o constituíram, percorrendo pelas principais fases do Sítio do Carico e examinando algumas das representações dadas ao espaço, e mais especificamente a representação dada por Lima Barreto - o outro sujeito da presente pesquisa.

As diversas ocupações e atividades ali implantadas, com finalidades específicas, foram sedimentando, como camadas, um depósito de práticas e significados - dinâmica essa, matéria para a memória. Como em uma 'arqueologia da memória', tentaremos fazer aflorar essas camadas e expô-las, para embasar a discussão sobre memória, espaço e representação. Camadas essas que não se justapõem, mas antes se entrecruzam, se atravessam e conversam entre si.

Nesse trabalho 'arqueológico', vamos desnudando o terreno e as diversas camadas e, em suas dobraduras, vamos buscando seus componentes, suas tensões, suas dinâmicas, suas ressignificações. Memórias serão construídas a partir desse material e olhadas por diferentes ângulos e pontos-de-vista. A ideia, então, é de que estamos descobrindo um 'material memorável': marcas do tempo que ficaram 'depositadas' no lugar... Memórias subterrâneas, submersas, sutis, indelévels e múltiplas. Não estamos sozinhos nessa abordagem: encontramos eco nos estudos de Michael Pollak, no artigo "*Memória, esquecimento e silêncio*", que irá se interessar pelos processos e atores que intervêm no trabalho de constituição e formalização das memórias:

(...) ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à memória oficial. (POLLACK, 1989, p.4)

Pollak (1989), em estudo de caso, problematiza a aparente 'uniformidade' da memória coletiva e leva em conta a multiplicidade de sujeitos e fontes para a complexa formação dessa memória: sejam indivíduos, grupos dominados e esquecidos, e narrativas traumáticas etc. Assim, aquilo que 'está à margem', que está 'encoberto', 'em segredo' será levado em consideração como um fundamental componente formador:

(...) não se trata mais de lidar com os fatos sociais como coisas, mas de analisar como os fatos sociais se tornam coisas. Como e por quem eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade. (POLLACK, 1989, p.4)

É dessa forma que devemos olhar o Sítio do Carico: com sua multiplicidade de sujeitos e experiências, que o fazem, como já o dissemos, rico e variado. E se estratificamos o estudo em ‘fases’ temporais e de ocupações bem delimitadas, é certo que dentro dessas mesmas fases, e mesmo transgredindo-as, transpassando-as, haverá inúmeras narrativas e vozes que compõem esse cenário e que contribuirão para a formação de memórias (não uma única memória) e, que, certamente influem umas nas outras, afetando-se mutuamente, como em um grande edifício onde todas as estruturas se mantêm em e por processo de generosa interdependência.

Ora, estamos a constatar que se existe uma estratificação temporal e social, de fases didaticamente divididas, existe também uma ‘camada’ que paira sobre todas, ou antes, que serve de base, de forro, de substrato para o todo: o íntimo, o subterrâneo, o silencioso, o não-visto, o não-ouvido, feito das brumas do tempo, das energias dos sentimentos, das emoções e sensações que ficaram marcadas no lugar, como tatuagens na pele, cascas na árvore, mobílias na casa, sentimentos na alma... Algo certamente não tangível e não comensurável, mas que está lá, faz parte e afeta os nossos sujeitos e que, portanto, é uma dimensão que deve ser valorizada.

Eleger especificamente as memórias de Lima Barreto acerca desse espaço para o nosso estudo é, antes de qualquer coisa, aceitar que elas são não só um produto social, mas também um resultado de todas as intervenções - expressas sob a forma de inúmeras outras vozes, silêncios, gritos e sentimentos - que ‘disputaram’ um lugar emocional (um Sítio do Carico íntimo e interior) e o afetaram como indivíduo e ser social: o moldaram, o compuseram, o formaram. Lima Barreto carregaria, assim, o Sítio do Carico em si, internalizado e, por isso, esses dois sujeitos dialogam: a memória de si e a partir de si também é do outro e a partir do outro. Admitir a existência dessas memórias subterrâneas e silenciosas é levar em conta importantes partes do todo que resistem e sobrevivem ao tempo e à dominação, e “que esperam o momento propício para serem expressas” (POLLACK, 1989, p.5).

1.2 A HISTÓRIA

1.2.1 A Ilha do Governador: antigos moradores x novos inquilinos.

A formação do que é hoje o Sítio do Carico começa com a ocupação do território, e mais especificamente com a ocupação da Baía de Guanabara e da Ilha do Governador. Segundo Cybelle de Ipanema (1991), primeiro pelos nativos - os indígenas que lá existiam - e, posteriormente, pelo colonizador europeu, através das várias invasões e da conquista do território. O século XV determinou a fundação da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro pelos portugueses na margem esquerda da entrada da Baía de Guanabara, assegurando a posse da 'porção sul' do território recém-descoberto, frente às inúmeras invasões. O espaço já acolhe, na sua gênese, a tensão e os conflitos dos grupos, a ebulição das lutas e a marca das experiências.

Embora contemporaneamente vincule-se a cultura *carioca*¹ predominantemente à tradição africana, pelo peso dessa matriz racial nos anos posteriores, o Rio de Janeiro desse século não tinha ainda o peso futuro da influência africana, pois os negros só começariam a chegar na Cidade em quantidade considerável no final do século. Durante todo o século XVI, a Cidade teve como influências culturais básicas a cultura indígena e a cultura européia. Esse dado tornou-se convenientemente esquecido ou desprezado: o tupi-guarani será uma língua praticada na sociedade brasileira até início do séc. XX e esse fato será lembrado em “Triste fim de Policarpo Quaresma”².

Assim, no início dos quinhentos, o litoral brasileiro era ocupado por tribos diversificadas, porém pertencentes à grande família linguística Tupi-Guarani³.

A região da atual cidade do Rio de Janeiro era ocupada principalmente pelos índios Tupinambá e a única exceção a esse domínio era a atual Ilha do Governador (chamada pelos indígenas de *Paranapuã*, que significa "mar redondo"), que era ocupada pela etnia indígena rival dos Temiminó, também chamados Maracajá (os “gatos bravos”, que acabaria dando

¹Termo de origem tupi que designa o natural da cidade do Rio de Janeiro.

² No qual o Major Quaresma fará uso dessa língua correntemente e defenderá a sua institucionalização como língua oficial (embora ridicularizado por isso) - na verdade, parte de um conjunto maior que significava a busca de uma identidade brasileira, não por acaso, uma identidade calcada nas raízes indígenas - nativas e originais do território -, em oposição à cultura européia dominante - a do invasor e colonizador.

³ A historiadora Cybelle de Ipanema, em conclusão de seu estudo sobre os habitantes da Ilha do Governador ao século XVI, elenca as principais tribos do território, apontadas por antropólogos, historiadores e viajantes, e conclui que “Do exame e comparação de vários desses estudos, poder-se-á concluir que os habitantes da Ilha, ao tempo da descoberta e primeiros entrosamentos com os portugueses, pertenciam à família linguística Tupi-Guarani” (1991, p.46).

nome ao lugar em alusão à tribo, Ilha do Gato ou Maracajá). Ambas as etnias eram falantes do tupi e sobreviviam da caça, da pesca, da coleta de frutas e de uma agricultura baseada no cultivo da mandioca.

Apesar de compartilharem o mesmo idioma e a mesma cultura, disputavam ferozmente o domínio da região. Como já visto, os dois grupos - Maracajá e Tamoio - representavam o drama da luta pelo domínio da maior ilha da Guanabara, em cenário que a beleza da natureza e a ferocidade dos contendores marcaria a disputa. A futura Ilha do Governador, com possibilidade de abastecimento de população numerosa, pois livre das áreas embejadas da quase totalidade da Guanabara, constituía-se em presa cobiçada. A inimizade entre os grupos adviera de que ambos cobiçavam a mesma jóia: a extensa e fértil Paranapuã, futura Ilha do Governador⁴. O geógrafo Maurício Abreu, em seu detalhado estudo sobre a formação do território fluminense, “*Geografia Histórica do Rio de Janeiro, de 1502 a 1700*” (2010) vem explicar toda a sua formação e ressaltar a importância dos conflitos que aconteceriam na década de 1550, pelo controle da Baía de Guanabara, e que determinaria a presença portuguesa no território, e a futura colonização.

Com a expulsão dos franceses e a derrota dos Tupinambás, os portugueses puderam ocupar toda a região da Baía de Guanabara. Após a fundação da cidade do Rio de Janeiro e a fixação dos portugueses, a premiação da grande empresa fez-se com a distribuição do espaço da cidade e do entorno, retalhado em grandes lotes ou *sesmarias*, em doações aos povoadores. Efetivado o sistema pelo primeiro governador Estácio de Sá, as primeiras doações iniciaram-se quatro meses depois (IPANEMA, 1991, p.77). É importante, então, compreender o processo que levou à divisão e ocupação de terras - um processo nada pacífico e sim de graves lutas, guerras e disputa - até a consolidação do arranjo espacial que determinaria as características desse lugar.

Cybele de Ipanema (1991) nos diz que se estima em dezessete as doações de sesmarias a dezenove beneficiários, na região da Ilha, entre 1565 e 1601. Mas a mais expressiva de todas foi a de Salvador Correia de Sá, que já era sesmeiro da ‘Ilha do Gato’ quando tornou-se governador da cidade do Rio de Janeiro, escolhido por Mem de Sá. A sede do governo era na cidade, mas ele não descuidou da sua propriedade na Ilha, criando ali um engenho de açúcar, e deriva-se daí o nome atual do lugar.

⁴ GEONÍMIA DOS DISTRITOS, VILAS E REDE HIDROGRÁFICA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Nuevastecnologias/Cartografiatematica/19.pdf>

Nos séculos seguintes outros ocupantes apareceriam. Novos moradores iriam firmar presença e deixar a sua marca. Em outubro de 1589, chegam à Cidade os monges beneditinos Pedro Ferraz e João Porcalho. Procedentes do Mosteiro de São Bento de Salvador, na Capitania da Baía de Todos os Santos, vêm à Cidade a convite dos moradores locais. Em março do ano seguinte, os monges receberiam, por doação dos nobres portugueses Manoel de Brito e seu filho Diogo de Brito de Lacerda, um vasto terreno na Cidade. O terreno incluía o atual Morro de São Bento, no topo do qual os monges começariam a edificar o atual Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro (IPANEMA, 1991, p.97). Começaria, então, uma outra fase.

1.2.2 Os donos do século: os Beneditinos.

Os monges de São Bento aportaram na América Portuguesa, ao final do século XVI, graças a uma reforma ocorrida em sua congregação e a deliberações na política filipina que visavam ao reequilíbrio dos poderes eclesiásticos nos territórios do Império Português. Assim, uma ordem milenar chegou aos trópicos em um momento muito importante, em que as bases institucionais no território estavam sendo estruturadas.

Os Beneditinos instalaram-se na Bahia, Pernambuco, Paraíba, Rio de Janeiro e São Paulo, formando, entre abadias, priorados e residências, onze casas ao final do século XVII. O mosteiro de Salvador, o primeiro a ser fundado, em 1581, foi escolhido pelas autoridades monásticas como “cabeça” das demais casas, e assim permaneceu, senão de forma incisiva, pelo menos simbolicamente, até o início do século XIX. Entretanto, o mosteiro do Rio de Janeiro, seguindo a condição da capitania de um modo geral, teve um crescimento surpreendente, podendo ser considerado, em muitos aspectos – número de propriedades e escravaria, por exemplo –, tão ou mais opulento do que a casa beneditina em Salvador (SOUZA, 2011, p. 84)

Na formação de seu patrimônio, o mosteiro contou com uma variedade de bens doados. Em um primeiro momento, houve maior doação de terras, gados e escravos, ou seja, elementos necessários para montagem de fábricas de açúcar. E, posteriormente, durante maior intensidade na urbanização da capitania, a instituição recebeu vários imóveis e terrenos na área urbana.

A primeira elite senhorial da capitania foi formada pelos descendentes dos conquistadores e esse grupo utilizou esse fato para angariar prestígio: os primeiros doadores de bens ao mosteiro saíram dessa elite e de seus descendentes. O ato de “bem morrer” era uma preocupação constante na América Portuguesa e contribuía para o aumento dos bens das instituições eclesiásticas - no Rio de Janeiro, os Beneditinos possuíam engenhos em Campos dos Goytacazes, Ilha do Governador, Iguaçu, Camorim e Vargem – (SOUZA, 2011, 84).

Diferentemente dos Jesuítas, que não possuíam engenhos nem imensa escravaria e que aplicaram parte dos seus recursos e os das ordens mendicantes na própria empresa missionária, os Beneditinos reverteram seus ganhos, sobretudo para o próprio engrandecimento de suas casas, com construções arquitetônicas bem elaboradas, mesa farta, diversos empregados pagos, compra de cativos, beneficiamento de engenhos e aquisição de imóveis e terras.

João Victor de Araújo Souza (2011) nos diz que o padrão de riqueza das casas beneditinas, incluindo seu comportamento de consumo, sobrepujava muitos senhores de diversas regiões. E que a manutenção de seu *status* era preocupação constante que transparece nas memórias de suas rotinas administrativas, na marca arquitetônica de seus mosteiros e igrejas e no uso de meios coercivos. Os monges montaram bibliotecas que eram verdadeiras ilhas de conhecimento nos trópicos e enalteciam-se pelo saber, elogiando o grau de estudos de seus membros, outro aspecto distintivo sempre lembrado nas memórias dos religiosos falecidos. As casas beneditinas eram, portanto, segundo Souza, focos de poder, contando com foro privilegiado, vínculos com elites locais, inclusão de membros das “famílias das melhores da terra”, além de deterem parte do monopólio de disciplinamento moral e espiritual da América Portuguesa.

Com grandes extensões de terra desabitada, com destaque para a Fazenda dos Sá (Ponta da Conceição), a parte nordeste (a atual Freguesia) e a grande propriedade do capitão Manuel Fernandes Passos (a área, hoje, da Aeronáutica), a Ilha do Governador ainda deveria ser francamente povoada. Em fins do século XVII, Manuel Fernandes doa suas imensas terras aos Beneditinos em troca de número estipulado de missas por sua alma, pela da esposa Cecília, já falecida, pelos sogros e muitas outras obrigações recíprocas constantes na escritura. A doação ao mosteiro de São Bento vem se somar às suas grandes propriedades nos chãos da cidade e na zona rural, estendendo-se de Guaratiba a Campos (IPANEMA, 1991, p.94). E essa doação vem, portanto, ser decisiva na ocupação da Ilha do Governador pelos monges beneditinos.

A presença dos Beneditinos na parte oeste da Ilha - correspondente às regiões do Galeão, Frecheiras, Itacolomi, Tubiacanga e São Bento, e que inclui aí a extensão territorial hoje ocupada pela Aeronáutica - caracterizou-se pelo trabalho ativo, próprio da Ordem, embasado pela mão-de-obra escrava: agricultura, criação de gado, engenho de açúcar e aguardente, e produção de gêneros alimentícios que fizeram a prosperidade dos grandes frades e da nova casa conventual construída no Galeão.

Ipanema (1991, p. 95) ressalta a organização e a opulência da ordem monástica. Uma escravaria compatível e uma administração eficiente fizeram da fazenda dos Beneditinos a maior e mais bem organizada, em comparação até com as existentes no século seguinte. Além das heranças, a Ordem adquirira engenhos, escravaria, fazendas e imóveis nas áreas urbanas, por meio de reciprocidades com outros vassalos e instituições. A propriedade dos frades bentos na Ilha do Governador teria grande consequência para a sua ocupação e o seu desenvolvimento. O século XVIII seria o século dos Beneditinos.

1.2.3 O higienismo e o alienismo: a criação das colônias

1.2.3.1 *Antecedentes*

A chegada da família real, em 1808, marcou o início de um período de grandes transformações sociais, econômicas e culturais. Uma delas diz respeito ao crescimento das cidades, muito especialmente do Rio de Janeiro que, por hospedar a Corte Portuguesa, sofreu significativo e rápido crescimento demográfico, gerando os problemas naturais de um desenvolvimento sem planejamento. Nesse contexto de profundas transformações na sociedade brasileira, uma especialmente diz respeito aos doentes mentais, os ditos 'loucos'.

Segundo Amarante (2002), alguns loucos eram assistidos por suas próprias famílias, enquanto que outros viviam soltos nas ruas ou eram recolhidos às prisões e aos porões da Santa Casa de Misericórdia. Os espaços destinados a eles eram decorrentes da gravidade da doença ou de sua condição social: os de famílias abastadas eram tratados nas suas próprias casas, e na busca de tratamento eram até mesmo enviados à Europa. Poderiam também ser encaminhados aos quartos e enfermarias da Santa Casa, principalmente quando apresentavam comportamento de difícil convivência. Já os de baixa condição social constituíam a grande parcela dos que viviam livremente pelas ruas, becos e praças da Cidade. Mais raramente, os

loucos poderiam ser reclusos nos hospitais gerais da Cidade, principalmente nos de ordem religiosa. Havia ainda aqueles enviados à prisão, em casos que se confundiam com vadiagem, embriaguez e mendicância.

Em linhas gerais, esse era o cenário da situação até 1830, quando se iniciou a mobilização para uma intervenção específica sobre essa situação na cidade do Rio de Janeiro. A Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro (SMRJ), criada em 1829, e moldada segundo as concepções políticas e teóricas do movimento higienista europeu do final do século XVIII, particularmente o francês, tem como uma de suas primeiras iniciativas a criação de uma Comissão de Salubridade com o objetivo principal de criar um código de posturas.

A Cidade com seus espaços de ruas e casas insalubres e desordenados, necessitava de medidas saneadoras, no entendimento da medicina higienista de Estado, que, na época, consistia no modelo principal da intervenção no campo da saúde. O modelo da higiene no Brasil, a partir do início do século XIX, inseriu-se na estratégia de uma medicina social, isto é, de uma medicina voltada fundamentalmente para o esquadramento dos espaços públicos e não no modelo de uma medicina individual, voltada especificamente para a cura de doenças nos corpos dos indivíduos. Assim, a medicina passa a ser regularmente solicitada para a tarefa de higienizar a cidade e, para isso, empreendeu uma verdadeira campanha de limpeza e disciplinarização dos espaços públicos (Guia de Fontes de Saúde Mental/GFSM, 2004, p.10).

1.2.3.2 *O isolamento*

Em 1837, com a publicação do artigo “Importância e necessidade de criação de um manicômio ou estabelecimento especial para o tratamento dos alienados”, de autoria do Dr. Luiz Vicente De-Simoni, a necessidade de um estabelecimento destinado aos alienados volta a ser objeto de análise. Na frase inicial do artigo, ele afirma que: *"De todas as moléstias a que o homem é sujeito nenhuma há cuja cura dependa mais do local em que é tratada, do que a loucura..."*. (GFSM, 2004, p.10). Essa observação é de suma relevância visto que dá ao espaço, ao ambiente, à atmosfera física uma importância não antes considerada: a constatação que o lugar afeta o indivíduo e, no caso da fragilidade mental, mais ainda, podendo ser elemento de melhora ou de piora. Então, as buscas dos intelectuais da época, na área

psiquiátrica, eram na tentativa de trazer novas idéias para uma abordagem mais completa da doença psiquiátrica e um tratamento mais eficaz.

Enfim, a campanha liderada por alguns médicos para a criação de um estabelecimento especial para o tratamento dos alienados somava-se a um nítido engajamento às recentes teorias do pensamento psiquiátrico europeu, inaugurado por Pinel em fins do século XVIII e que tinha no "isolamento" e no "tratamento moral" suas diretrizes principais⁵.

Segundo Facchinetti (2010), o isolamento, conforme prescrito pelas ciências naturais era um ato de extração do objeto de conhecimento do meio ambiente, que interferiria na observação pura e que, assim, permitiria um processo de conhecimento da coisa-em-si, em seu estado natural. Por outro lado, o isolamento seria a condição precípua do tratamento moral, pois sendo a alienação um desregramento da ordem das paixões, seria mister tratar o alienado em um regime de distanciamento das causas de sua moléstia. Depreende-se, daí, que o ato de sequestrar o louco é, antes de tudo, um ato da ciência, um processo do saber e só por consequência um ato de caridade e assistencialismo. Dessa forma, entende-se com mais nitidez a luta travada no último quartel do século XIX pela posse do poder da instituição psiquiátrica no Brasil. (Facchinetti, 2010, p.745)

A autonomia médica necessária ao pleno exercício da profissão, isto é, a possibilidade de exercitar e de pôr em prática as teorias médicas para o tratamento da loucura encontravam, então, grave empecilho naquele momento: a Santa Casa de Misericórdia, que tinha uma administração a partir de princípios filantrópicos e não científicos. Assim, só uma separação entre a prática (que os médicos desejavam estabelecer) e a administração (exercida pela Provedoria da Santa Casa) poderia resolver este impasse. E isto só acontecerá com a mudança do regime Imperial para o Republicano. (GFSM, 2004, p. 15).

⁵O fato de se falar sobre hospitais gerais, enfermarias e outras características hoje condicionadas à instituição médica, não significa que essas instituições eram serviços de saúde. O termo "hospital", derivado do latim *hospitale*, que significa hospedaria, lugar de hospitalidade e hospedagem, era utilizado na Europa, na Idade Clássica, para designar grandes instituições filantrópicas de assistências genérica a desamparados de toda natureza, dentre os quais prostitutas, portadores de doenças venéreas, delinquentes, pobres, dentre outros, nos quais eram incluídos doentes em geral e loucos. A instituição hospitalar, de acordo com Foucault, em 'O Nascimento do Hospital' (1985), passou por uma importante transformação no final do século XVIII, quando se transformou na instituição médica que atualmente conhecemos, ao mesmo tempo em que a medicina tornou-se uma prática e um saber predominantemente hospitalares.

Figura 1



Colônia de Alienados - pacientes
Acervo Instituto Nise da Silveira

Figura 2



Colônia de São Bento - pacientes
Acervo Instituto Nise da Silveira

1.2.3.3 *Os expoentes da psiquiatria brasileira*

O médico Teixeira Brandão, um dos principais nomes da medicina da época e primeiro Diretor Geral da Assistência Médica e Legal de Alienados, aumentava a lista

daqueles que concordavam com o preceito médico relacionado à ideia de recuperação através do trabalho. O então administrador do Hospício de Pedro II tornou-se um dos mais audazes críticos do modelo de hospital de alienados com caráter de filantropia. Em dois textos publicados pela Imprensa Nacional nos anos de 1886 e 1887, o médico apontava vários dos problemas que cercavam o hospício (GFSM, 2004, p.13). Para Brandão (1897), recolher o doente mental significava tentar recuperá-lo e torná-lo útil, de acordo com os parâmetros científicos do período. Essa tentativa de aproveitar aqueles cuja cura ainda era possível poderia ser de grande interesse para o Estado.

Figura 3



Colônia de Alienados - pacientes tocando flauta
Acervo Instituto Nise da Silveira

Teixeira Brandão considerava que a Santa Casa, que se constituía como um “verdadeiro Estado no Estado”, não atendia às observações médicas e só se curvava diante da pressão exercida pelo poder imperial (1897, p.77). Na tentativa de contornar esse desvirtuamento no sistema e que provocava bastante desorganização, solicitou uma intervenção médica mais regular, mais efetiva: ao médico deveria ser reservado um poder maior; não deveria se limitar à prescrição de agentes terapêuticos, mas deter o controle absoluto da instituição, de acordo com o desenvolvimento da ciência (Guia de Fontes de

Saúde Mental, 2004, p.14). Essa era uma concepção revolucionária e que alteraria toda a forma do tratar e o sistema médico-hospitalar na sociedade brasileira.

Figura 4



Colônia de Alienados - pacientes jogando cartas
Acervo Instituto Nise da Silveira

O também médico psiquiatra Juliano Moreira⁶ afirmava a importância de uma atividade produtiva como regeneradora daqueles considerados ‘loucos’: a função do trabalho na terapia psiquiátrica. Além disso, a prática de um ofício assegurava-lhes uma forma de sobrevivência e, portanto, uma possibilidade de reintegração na sociedade caso e quando saíssem do asilo.

Percebemos, então, diante de tal histórico e do esforço para a mudança de um contexto social, como a criação das Colônias de Alienados representava, por si só, um importante avanço no modelo assistencial. Tal implantação seria a última palavra em termos de

⁶ Juliano Moreira (1873-1932) foi médico e um dos pioneiros da psiquiatria brasileira. O primeiro professor universitário a citar e incorporar a teoria psicanalítica no seu ensino na Faculdade de Medicina. Durante seu trabalho no Hospital Nacional dos Alienados, do Rio de Janeiro, humanizou o tratamento e acabou com o aprisionamento dos pacientes. Quando da segunda internação psiquiátrica de Lima Barreto no Hospital, do qual o médico era o diretor na época, o escritor relata como ele o atendeu com humanidade e compaixão: (...) “Na segunda-feira, antes que meu irmão viesse, fui à presença do doutor Juliano Moreira. Tratou-me com grande ternura, paternalmente, não me admoestou, fez-me sentar a seu lado e perguntou-me onde queria ficar. Disse-lhe que na Seção Calmeil. Deu ordens ao Sant’Ana e, em breve, lá estava eu”. (BARRETO, Cemitérios do Vivos, 1920, p.38).

modernização institucional, na medida em que seriam extremamente adequadas ao pleno exercício do *'tratamento moral'* proposto por Pinel.

Figura 5



Colônia de Alienados - trabalho agrícola
Acervo: Instituto Philippe Pinel (IPP)

Figura 6



Colônia de São Bento - banda de música dos funcionários
Acervo Instituto Nise da Silveira

1.2.3.4 Da intenção à realização

A abolição da mão-de-obra escrava e a intensificação das relações de trabalho livre supunham um esforço no sentido de instaurar uma ética positiva do trabalho, reforçando, por sua vez, a crença no labor como um recurso terapêutico indispensável para a recuperação de criminosos e marginais, e para o tratamento da alienação - tanto no Hospício Nacional, quanto nas Colônias -. A implantação dessas últimas também garantia a manutenção do asilo, já que a proposta era fazer com que os doentes mentais produzissem suas próprias roupas e alguns dos alimentos que consumiam. E ainda que as atividades agrícolas fossem as mais importantes, os alienados também cuidavam de serviços na lavanderia, na cozinha, nas oficinas de carpintaria e de tipografia que existiam nestas instituições.

Em 1888, o Conselheiro Antônio Ferreira Viana fundou as Colônias de São Bento e Conde Mesquita, para a recuperação de mendigos e indivíduos ociosos recolhidos na Cidade. Dom Abade Manuel da Santa Catarina Furtado doou a casa e as terras da Fazenda de São Bento, e o Barão de Itacuruçá, casa e terras da Ponta do Galeão, com essa destinação expressa. O Governo Provisório imediatamente baixou o decreto nº 893, de 18 de outubro de 1889, declarando “de utilidade pública a desapropriação dos terrenos da parte ocidental da Ilha do Governador até os limites da Fazenda de São Bento com a de Santa Cruz”, ampliando a área antes doada (IPANEMA, 1991).

E, em 11 de janeiro de 1890, através do decreto nº 142, o Hospício de Pedro II foi desanexado da Santa Casa de Misericórdia, passando a denominar-se Hospício Nacional de Alienados e, com esta nova denominação, procurava-se marcar uma ruptura com o modelo anterior. Desta forma, a nova instituição, passando para a administração médica, poderia finalmente adotar os preceitos que representavam a aplicação de práticas e teorias verdadeiramente científicas no tratamento dos alienados.

Segundo os arquivos do Centro Cultural do Ministério da Saúde, no mês seguinte, pelo decreto 206, de 15 de fevereiro de 1890, foi criada a Assistência Médico-Legal aos Alienados, composta pelo Hospício Nacional de Alienados e pelas Colônias de Alienados. Teixeira Brandão passou a dirigir a Assistência, enquanto as Colônias ficaram a cargo de Domingos Lopes da Silva Araújo. As antigas colônias de mendigos foram, então, aproveitadas para a implantação das colônias de alienados, destinadas agora aos pacientes do sexo masculino, tranquilos e incuráveis: a Colônia de Conde de Mesquita, na Ponta do Galeão, e a Colônia de São Bento, no antigo Convento de São Bento, esta última localizada na área também chamada

de Sítio do Carico. Esse momento é um marco na história psiquiátrica no Brasil e vem incluir o espaço físico, especificamente nesse caso, o espaço físico aberto, como componente fundamental para o sucesso da implementação das novas práticas e dos projetos que esses homens de visão da virada do século tentavam trazer.

Figura 7



Colônia - casas originais feitas por doentes
Acervo Instituto Philippe Pinel

Figura 8



Colônia de Alienados - Ilha do Governador
Acervo Instituto Nise da Silveira

À princípio, as Colônias possuíam um caráter provisório, até a construção de algo melhor e mais apropriado. O ideal é que fossem construídas instalações próprias para o tratamento dos doentes mentais, como insistiam os médicos alienistas, porém, enquanto isto não ocorria, foram adaptados os prédios já existentes nas fazendas de São Bento e do Barão de Itacuruçá. Eram também para as colônias que deveriam ser encaminhados os alienados indigentes que tivessem condições de dedicar-se ao trabalho de exploração agrícola (art. 3 do Decreto 206). Ambas masculinas, esses espaços representavam também uma tentativa de resolver os problemas da superlotação e da mistura de pacientes curáveis e incuráveis em um mesmo estabelecimento. Os “incuráveis tranquilos”, removidos para muito além do centro urbano, eram encarregados de trabalhos agrícolas e artesanais que também compensavam a incapacidade das famílias de custearem o tratamento. Os indivíduos internados nestes asilos eram, sobretudo, os doentes mentais crônicos, alcoólatras e epiléticos.

No ano de 1902, iniciaram-se denúncias de irregularidades na administração do Hospício Nacional de Alienados e que levaram o Ministro da Justiça a nomear uma comissão para apurar as condições de assistência aos alienados internados naquela Instituição. Com a administração de Rodrigues Alves e as reformas empreendidas na Cidade, o velho casarão da Praia Vermelha seria também alvo de mudanças. Essa interferência no Hospício, posteriormente estender-se-ia às Colônias do Galeão, que sofreriam auditorias e pressões.

Assis Barbosa aponta que o pai de Lima Barreto, João Henriques, sofreu terrivelmente com as investigações - homem de caráter reto, mas de mente frágil, não conseguiu suportar a pressão - e sugere que a crise psicótica que aquele viria a sofrer nesse mesmo ano, seria também derivada dos inúmeros problemas que as Colônias apresentavam e do dia-a-dia duro e difícil para administrá-las, desde a invasão de soldados nas Revoltas da Armada, os comuns furtos de animais e víveres em extensa área a ser controlada, bem como a constante preocupação em manter o funcionamento correto de extenso e importante trabalho. Todos esses elementos e preocupações, bem como a dificuldade de receber respostas às suas frequentes solicitações e a distância do poder público em atendê-lo fizeram o peso da responsabilidade ser demasiado. A vida das Colônias e de seus moradores - pacientes ou não - eram definitivamente interligadas: eram todos ‘alienados’, internados naquele espaço rural, a cuidar uns dos outros, dividindo as mesmas dificuldades, embora em graus diferentes.

Em 1918, o governo brasileiro liberou as terras de um antigo engenho de cana-de-açúcar, desapropriado em 1912, por recomendação do doutor João Augusto Rodrigues Caldas, que buscava novo espaço para abrigar o contingente das duas colônias da Ilha do Governador,

cujos prédios eram considerados inadequados. No ano seguinte começou a construção da então Colônia de Psicopatas-Homens (VENANCIO, 2008, p.6), nascendo assim a Colônia de Psicopatas-Homens de Jacarepaguá.

Figura 9



Colônia de São Bento - desembarque de víveres
Acervo Instituto Nise da Silveira

Figura 10



Colônia Conde de Mesquita - desembarque de funcionários -
transporte por catamarã
Acervo Instituto Nise da Silveira

A nova colônia recebeu também diversos internos ‘indigentes’ da Seção Pinel do Hospício Nacional, assim como os pacientes das antigas colônias da Ilha do Governador, que teriam seus pacientes transferidos gradualmente até serem totalmente desativadas, em 1923. Foi renomeada como Colônia Juliano Moreira em 1935, e passou a abrigar, a partir de 1938, parte dos homens e das mulheres transferidos do Hospício Nacional, que em 1943 terminava por fechar suas portas (CASSILIA, VENANCIO, 2007).

Quanto à Assistência a Alienados propriamente dita, a 10 de janeiro de 1927 passou a chamar-se Serviço de Assistência a Psicopatas, abrangendo não só o Distrito Federal, mas todo o território nacional (Brasil, 10 jan. 1927, 23 maio 1927). (FACCHINETTI, 2010, p.735).

Devido aos vários problemas existentes no complexo da Ilha do Governador, os terrenos e edifícios onde estavam instaladas as Colônias foram, pelo Decreto 13.189, de 11/09/1918, desapropriados e doados à União. (Diário Oficial da União - Seção 1 - 15/9/1918, Página 11695 - Publicação Original):

Art. 1º Fica autorizado o ministro de Estado dos Negocios da Fazenda a assignar com a Companhia Nacional de industria e Commercio escriptura de doação dos terrenos, edificios, bemfeitorias, accessorios, usos e servidões da ilha do Governador em que estão installadas e são occupados pelas colonias de alienados mantidas pelo Governo Federal, denominadas São Bento e Praia do Galeão, mediante a desistencia plena e irrevogavel pela mesma companhia de todo o seu direito e acção sobre os mencionados bens, assim como de qualquer reclamação por força da acção que tem em Juizo ou dos despachos dados pelo mesmo ministerio sobre a cotação de seus titulos em bolsa ou por qualquer outro motivo.⁷

Terminaria, então, uma importante fase desse espaço.

1.2.4 O esquecimento

Como já mencionado, foi inaugurada, em 29 de março de 1924, a ‘Colônia de Psicopatas – Homens’, conhecida também por Colônia de Alienados de Jacarepaguá – que,

⁷ <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1910-1919/decreto-13189-11-setembro-1918-512222-publicacaooriginal-1-pe.html>

em 1935, passa a se chamar Colônia Juliano Moreira -, situada em Jacarepaguá, zona oeste do Rio de Janeiro. Criada em terras da antiga Fazenda do Engenho Novo, desapropriada para abrigar os pacientes oriundos da Ilha do Governador, seguindo as recomendações de se buscar um novo espaço para as atividades das colônias de alienados (Conde de Mesquita e São Bento), consideradas inadequadas.

Com a chegada da 2ª Grande Guerra, o País prepara-se para o conflito e faz parte do esforço de guerra o aparelhamento e a criação de organizações militares. A Ilha do Governador, pela sua característica geográfica e posição estratégica - privilegiando a segurança, a defesa e a mobilidade -, viria a ter uma concentração de organizações da MB e da FAB. Com o esvaziamento das Colônias da Ilha, será criado em parte da área do Sítio do Carico, em 16 de março de 1945, uma unidade militar da FAB: o Depósito de Material Bélico da Aeronáutica, atual PAMB-RJ.

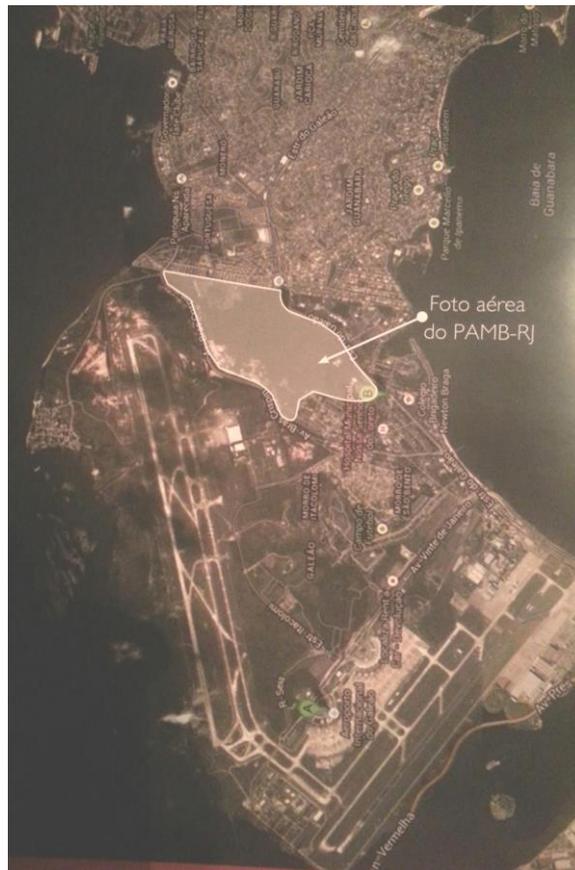
Nesse intervalo de tempo - entre 1923 e 1945 -, o terreno aparentemente permaneceu sem função. O período de 'esquecimento' e de 'silêncio' colocaria uma 'pausa' no correr do tempo e ressignificaria o lugar. O espaço 'adormece' e, como em uma preparação para uma nova fase, um novo tempo, um novo significado e uma nova identidade, o passado irá permanecer em descanso, em espera, para abrigar mais uma onda da história, com novos significados e novas representações.

1.2.5 A Organização Militar

Os ventos da 2ª Grande Guerra fazem erigir no local uma organização militar. A Ilha do Governador, pela sua característica geográfica estratégica (de localização e resguardo) foi ocupada por muitas organizações militares, seja da FAB, seja da MB. Construiu-se, então, no local um depósito para o material bélico utilizado na 2ª Guerra e que se tornou, depois, o atual PAMB-RJ, com atribuições ampliadas.

A área do antigo Sítio do Carico ou Morro do Carico ou simplesmente Carico confunde-se com o que é hoje o PAMB-RJ: parte do Carico situa-se dentro dele, embora a Organização Militar estenda-se ainda em outra direção. No entanto, o importante é que essencialmente as experiências a que a investigadora se debruça deram-se dentro desse espaço.

Figura 11



PAMB-RJ, localização, Ilha do Governador, vista aérea
Acervo: PAMB-RJ

Figura 12



Ilha do Governador - O morro do Carico ou Sítio do Carico: área em verde no centro da Ilha.
Acervo: Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro (SMU - 2007)

Situado na Estrada do Galeão, nº 4700, na Ilha do Governador, Rio de Janeiro, suas instalações ocupam uma extensa área de 1.200.000 km², na qual se insere uma reserva florestal, parte ainda preservada da Mata Atlântica, com flora variada e fauna de pequeno porte. Esse espaço abriga todas as edificações necessárias ao desempenho das tarefas da Organização. A beleza natural e o ambiente bucólico contrastam com a natureza dessa singular Organização, que exige segurança reforçada e atenta rotina de vigilância.

Figura 13



PAMB-RJ, Ilha do Governador, entrada atual
Acervo: PAMB-RJ

Acreditamos que a Instituição Militar vem aparecer nesse contexto como um agente de preservação do espaço, visto que suas características relacionadas ao sigilo e à segurança vieram ao encontro dessa preservação.

Além disso, observamos que essa nova ‘camada’, essa nova identidade do Sítio do Carico vem a ter características similares às das fases anteriores, no que tange a espaços ‘fechados, reclusos e confinados’ que possuem uma vida interna e dinâmica próprias, constituídos por grupos específicos e organizados, servindo cada fase a uma finalidade.

Figura 14



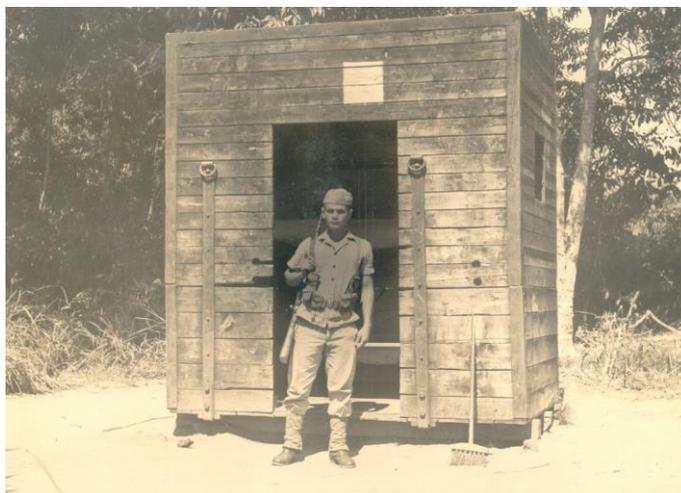
PAMB-RJ - antigo depósito de material bélico.
Acervo: PAMB-RJ

Figura 15



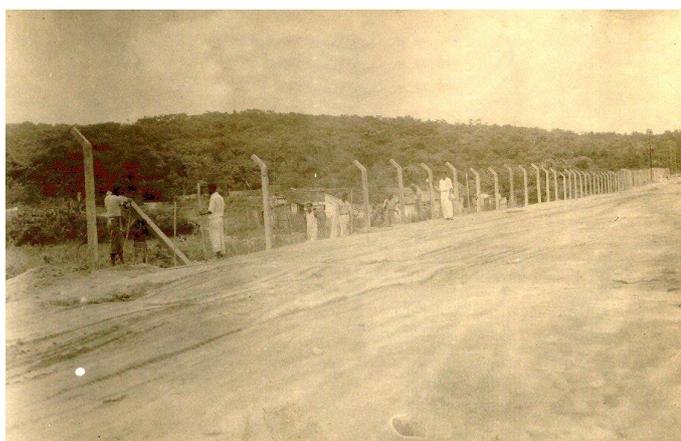
PAMB-RJ - bombas da 2^a G.M., estocadas ao ar livre.
Acervo:PAMB-RJ

Figura 16



PAMB-RJ - um dos primeiros postos de serviço, feitos de madeira.
Acervo: PAMB-RJ

Figura 17



Estrada do Galeão, Ilha do Governador – a abertura da via
Acervo: PAMB-RJ

1.3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.

Diante do exposto, faz-se necessária uma reflexão sobre a formação desse espaço - que guarda elementos tão *sui generis* -, e o que é o Sítio do Carico hoje.

Todas essas experiências e vivências - didaticamente divididas em 'fases' - mostram momentos importantes e revelam elementos constitutivos fundamentais da vida desse espaço. E o quanto esses elementos foram transmutando o espaço, ao longo do tempo, e formando um universo novo, como em um organismo vivo, em ebulição. Um espaço simbólico onde todas as vivências se aglutinam, se entrelaçam, se misturam - e suscitam novos arranjos.

Sem a autópsia impiedosa do pesquisador, o Sítio do Carico mostra-se como um amálgama. De pronto, esses elementos constituintes - essas camadas - talvez não se mostrem. Talvez tão organicamente sintetizadas entre si, tão misturadas, tão entrelaçadas, tão delicadamente superpostas, que não sejam vistas. Mas elas indicam, e, mais que isso, transparecem a força simbólica do conjunto: o que não se vê, mas está lá. Como um corpo vivo respirando sem atentar às partes e às energias que o movem.

CAPÍTULO 2

LIMA BARRETO.

Nossa intenção aqui não será biografar esse homem ou tão pouco analisar literariamente a sua obra. Outros o fizeram, de forma muito acurada. Vem-nos à mente a idéia de olhar o homem Lima Barreto, a pessoa no mundo - como qualquer ser que vive, sofre, ama, deseja, e transita por ele, com suas angústias, contradições e limitações, com seus sonhos, desejos e projetos. Lima viveu. E marcou! Pois, senão, como se explicaria tantos trabalhos sobre ele, a despeito e aparte, claro, sua magnífica e extensa obra? Por mais que a sua dor tenha sido pela rejeição sofrida, pela não aceitação, pelos projetos e sonhos não realizados, ele acabou por ocupar um lugar extraordinário - em dimensão e singularidade - mesmo com imensas dificuldades. E isso é curioso! Na sua insurgência, no seu sofrimento, no seu cambalear, ele deixou um rastro enorme, que despertou e continua a despertar a atenção de muitos! Mas essa atração que a contemporaneidade tem demonstrado por Lima Barreto transcende a sua obra, e creio que se deve muito ao seu aspecto humano.

Também observamos que tem se destacado muito o caráter marginal de Lima Barreto: o homem que viveu nos extremos - extremos de sentimentos e de postura de vida. O rebelde. O inconformado. O 'outsider'. Vê-se até esse comportamento como uma glória, como se isso não tivesse sido produto de um imenso sofrimento, e sim algo até mesmo 'planejado, consciente e desejado'. Enaltece-se essa vertente de Lima, como se tal tivesse sido até louvável para que tivesse construído sua arguta obra, seu produto tão singular e tivéssemos a oportunidade de fruí-la. Mas esquece-se que Lima era, antes de tudo, um homem - um homem que sofria -. Um artista de alma sensível, o que o fazia sofrer mais ainda, pois a medida do sofrimento não está exatamente nos fatos da vida, mas de como os indivíduos os recebem, na sua estrutura psíquica e emocional, na sua sensibilidade.

Também não faremos aqui um tratado psicológico desse sujeito - muitos, especializados, o fariam não só melhor como mais adequadamente. E muito menos uma análise e uma crítica literária. Então, a nossa proposta é mostrar que na base de tudo há um homem comum. Tão comum, real e verdadeiro que ter se mostrado assim, chocou, impactou e fez dele, curiosamente, 'a exceção' em um mundo onde o comum e o "normal" é se esconder atrás de máscaras, se conformar dentro de padrões estabelecidos e aceitar rótulos. Talvez alguns falem: "mas a última coisa que Lima Barreto fez foi ser comum!". Mas comum no

sentido de parcela de humanidade que todos os seres possuem: a parte comum a todos os que estão na mesma estrada... a parte humana.

Lima, em seu drama, é cada um de nós também, está em nós: o não realizado, o não vivido, a angústia, a dor, a frustração. Dor que não teve pudor em esconder, que não fez pudor em viver. Escancarou que sofria, gritou seu sofrimento. Passou do paraíso ao inferno existencial - e o viveu intensamente também, como se quisesse esgotá-lo, expurgá-lo de si.

Então, se muito já se falou de seu inferno pessoal, desejaríamos talvez mostrar aqui seu paraíso. Pois creio que ele sofreu, gritou e se debateu buscando retomá-lo. Acreditamos que ele teve esse paraíso um dia e foi por isso que se debateu tanto. E na impossibilidade de tê-lo novamente, na dificuldade de construir e realizar novos sonhos, ele o levou consigo dentro de si, como um mundo precioso, como um núcleo de segurança e felicidade. A infância, a família, a natureza, a proteção.... o Sítio do Carico... uma época e um 'lugar' onde as mazelas do mundo e da vida adulta ainda não o atingiam. Ancorou-se nele e o reproduziu de várias formas na sua construção literária. O Carico o acompanhou internamente até o final e, quem sabe, se não o sustentou também até o final, do jeito que foi possível...

Então não vamos ser repetitivos em dizer o grande escritor que Lima Barreto foi; o homem arguto, inteligente e sensível; o profissional satírico, irônico, engraçado, inovador; o observador ímpar; o ser de princípios firmes que não os cedeu a conveniências ou rótulos. Não... tudo isso já se sabe. Queremos mesmo é lembrar que ele foi 'apenas' um homem. Um homem que sofreu; um homem que viveu!

2.1 A INFÂNCIA FELIZ: PROTEÇÃO E SEGURANÇA. O FUTURO PROMISSOR: INTELIGÊNCIA, ENERGIA E SONHOS.

Então Lima Barreto nasceu Afonso Henriques de Lima Barreto, a 13 de maio de 1891, no Rio de Janeiro, filho de João Henriques de Lima Barreto, tipógrafo da Imprensa Nacional (IN), este filho de uma antiga escrava e de um madeireiro português, e de Amália Augusta, professora, esta filha de escrava, protegida e agregada da família Pereira Carvalho. O pai tipógrafo, aprendeu a profissão no Imperial Instituto Artístico; a mãe professora da 1ª à 4ª séries, foi educada com esmero. O biógrafo Francisco de Assis Brasil (2002) relata bem sua infância delicada - o pai protetor, a mãe afetuosa, a luta material, o lar como um ninho. Lutavam com dificuldade, a vida era simples, mas o lar era cheio de amor, carinhos e cuidados, o que sem, dúvida marcaria não só o pequeno Lima, como o pai João Henriques.

O temperamento instável do pai João Henriques e a sua fragilidade psíquica já dariam alguns sinais na juventude. A respeito da circunstância do noivado com Amália, o biógrafo relata:

(...) O noivado, entretanto, sacudiria os nervos a flor da pele de João Henriques, aponto de perturbar-lhe as faculdades mentais. O compromisso assumido como se lhe afigurava muito acima das suas minguadas possibilidades financeiras, antevendo os embaraços que a nova situação imporia, a ele, simples tipógrafo, sem maiores recursos, tirando a noiva do conforto em que vivia, para uma existência cheia de provações. Ao seu temperamento exaltado, as coisas pareceram subitamente insolúveis, e a vida, um fardo pesado demais. (...) Com as emoções do pedido de casamento, veio também um estranho sentimento de culpa, que a imaginação do tipógrafo deformava em previsões creíeis de infelicidade, pobreza e desgraça, quem sabe lá! Manifestou-se então a crise nervosa, de modo quase imprevisível, obrigando João Henriques a um longo tratamento. (BARBOSA, 2002, p.42-43)

Com a morte da esposa, em 1887, com apenas 35 anos, ‘vítima de uma pneumonia galopante’, a situação se agravaria mais ainda. O marido teria agora de criar sozinho a extensa prole e essa carga de responsabilidade talvez viesse a se tornar uma aflição permanente em seu espírito, contribuindo ainda mais para a sua fragilidade mental, para sua doença.

Com o fim da Monarquia, as ebulições dos novos tempos de República atingem a família Barreto. João Henriques, monarquista e ativista exaltado, fica em delicada situação no seu cargo na IN: “...Os acontecimentos políticos do ultimo ano da Monarquia, vieram alterar por completo a vida do tipógrafo João Henriques.” (BARBOSA, 2002, p.51).

Solitário, sem o apoio daquela a quem amara e partira tão cedo, e tendo visto seus sonhos de uma promissora vida profissional e familiar ir por água abaixo, lutava entre o pão de cada dia e a literatura engajada - necessidade e desejo nem sempre conciliáveis -. Assim, quando, em 1890, foram inauguradas na Ilha do Governador, as Colônias do Galeão, João Henriques lá conseguiu uma vaga de almoxarife e escriturário e, depois, administrador. Ali, no Sítio do Carico, instalou-se a família Lima Barreto, onde passou a trabalhar e a morar com toda a família, e criou-se, então, um espaço de tranquilidade e de esperanças de um futuro melhor e mais estável. O ofício cumpria a dupla função: dar a esse pai de família, além do sustento, o insulamento, uma espécie de proteção dos perseguidores e dos ventos políticos que o açoitaram. Ali, no Carico, onde passou a trabalhar e a morar com toda a família, criou-se um espaço de tranquilidade e de esperanças de um futuro mais estável.

As colônias davam muito trabalho, não era um serviço fácil, mas a vida se fazia: eles tinham casa e o pão de cada dia; os meninos cresciam e estudavam; e João Henriques avistava

um futuro melhor para seus rebentos. O pequeno Afonso conseguiu vaga no Liceu Popular Niteroiense; afinal, amava estudar, tinha um olhar curioso, era um menino cheio de planos e projetos e merecia ser bem encaminhado. As benesses dos padrinhos políticos ainda alcançavam a família e ainda era possível dar-lhes uma educação esmerada, certamente não compatível com a condição socioeconômica que a família ocupava:

(...) O filho não teria a mesma sorte do pai, pensava João Henriques. Seria doutor! (...) procurou o compadre, que regressara havia pouco do primeiro exílio (...) O Visconde de Ouro Preto recebeu-o com a cordialidade dos velhos tempos (...) e concordou em custear a educação do afilhado. O menino matriculou-se no Liceu Popular Niteroiense, um dos melhores do tempo, freqüentado pela gente rica. (BARBOSA, 2001, p.67)

E a vida seguiu, mas eis que uma manhã do ano de 1902, uma verdadeira hecatombe atinge a família Barreto e que mudaria totalmente o rumo de seus membros: João Henriques é acometido por um surto psicótico. Enlouquece.

Com a doença do pai, a família, que conseguira um porto seguro depois de tanta instabilidade, tem de se mudar das Colônias. Haviam conseguido, no Sítio do Carico, o tempo e o espaço de paz e tranquilidade: o “Sítio do Sossego” (referência ao conto “A Estrela”, de Lima Barreto) - um tempo que nunca mais se repetiria. O jovem Lima, marcado definitivamente pela precoce ausência da mãe - “... a morte da Amália há de descer como uma sombra no coração do filho mais velho. Sombra que nunca mais se dissipará” (BARBOSA, 2002, p.50) -, e agora tragicamente pela doença repentina do pai, terá de interromper os estudos e a promissora formação recebida (já cursava a essa altura a Escola Politécnica de Engenharia). Acontecimento que transformará definitivamente a sua vida, e frustração que marcará de forma perene o seu estado d’alma. Seguirá a vida não conseguindo equilibrar-se, a despeito do enorme talento e inteligência. Irá de insucesso em insucesso, frustração em frustração e será a muito custo que conseguirá uma colocação profissional estável que o mantenha durante a vida: uma vaga no serviço público. Obrigado a abdicar dos objetivos literários e da busca de oportunidades nessa área, para também prover o sustento do pai enfermo, amargará a vida inteira os sonhos desfeitos: viverá para a literatura, mas não dela.

2.2 O RIO DE JANEIRO DE LIMA.

Afonso Henriques de Lima Barreto nasceu em um Rio de Janeiro que era o centro das ebulições da época. Os ventos positivistas atingiam em cheio o País: anseios de mudanças em todas as áreas. Os adeptos da República, da abolição, das novas tendências sanitárias, dos novos arranjos sociais, da reorganização do espaço urbano: o século que terminava ansiava por mudanças... E o Rio de Janeiro, como capital do Império, era o centro da efervescência política, que tudo comandava. Esse cenário seria o prenúncio da palavra de ordem do novo século que se avizinhava: transformações.

Lima Barreto conta como o pai o levou ao Paço Imperial e depois à missa pela abolição da escravatura no campo de São Cristovão - esse pai que insistia em participar da vida pública, e insistia em se fazer presente nos momentos mais importantes da vida do País -:

Aos sete anos, Afonso assistiu com o pai aos festejos da Abolição. A princesa Isabel assinara a Lei Áurea no dia do seu aniversário. João Henriques levou o filho ao Largo do Paço e à missa do Campo de São Cristóvão, para testemunhar o grande acontecimento. O menino ficou deslumbrado. Mais tarde, reconstituiu: “(...) dias antes da data áurea (...). meu pai chegou em casa e disse-me: a lei da abolição vai passar no dia de teus anos. E de fato passou; e nós fomos esperar a assinatura no Largo do Paço”. (BARBOSA, 2002, p.63)

Estava o pequeno Afonso, então, vivendo, no meio das transformações mais importantes do Brasil, eventos históricos marcantes que se seguiriam até o ano da sua morte, como, por exemplo: a abolição da escravatura (1888); a proclamação da República (1889); a Revolta da Armada (1893 e 1894); a Revolta da Vacina (1904); a Revolta da Chibata (1910); a Guerra do Contestado (1912); a Revolta dos 18 do Forte e a Semana de Arte Moderna (1922) - momentos de profundo revolvimento das instituições, questionamento da ordem estabelecida, reivindicações sociais e políticas. Na sua visão de criança, ele relata: “(...) *da tal história da proclamação da república, só me lembro que as patrulhas andavam, nas ruas, armadas de carabina e meu pai foi, alguns dias depois, demitido do lugar que tinha*”. (BARRETO, 2010, p.135). Foi nesse ambiente que Lima Barreto se fez, imerso nesse cenário de instabilidades e transformações, testemunha ocular de fatos históricos e ouvinte atento da inflamada e politizada fala paterna.

A tragicidade e a poesia visceral davam lugar ao positivismo e à crônica urbana, objetiva e realista e, porque não, também à boêmia que se alimentava dessa vida urbana, das

discussões, das observações.... E no Rio de Janeiro, capital e centro urbano, os jovens intelectuais, escritores, jornalistas, políticos, reuniam-se nos cafés - a exemplo das capitais européias - para discutir a vida pública e a política, observar os fatos nacionais e internacionais, criticar as correntes culturais, a vida enfim. A literatura em especial foi uma das artes que mais se alimentou da vida urbana que florescia. Os cafés possibilitavam o encontro dos intelectuais e as universidades reuniam a juventude inquieta.

Esse ambiente de ebulição intelectual, de efervescência política e cultural fazia do Rio de Janeiro um pólo de atração para jovens como Lima Barreto, ávido em saciar a sua sede de cultura, de pensamento e de criatividade. Seria também uma fonte riquíssima para o futuro escritor que, observador milimétrico e crítico mordaz, nada deixaria passar aos seus olhos de cronista urbano.

Podemos assim dizer que o Rio de Janeiro de então também contribuiu para a formação desse ‘personagem’ que se tornou Lima Barreto, para esse sujeito que foi moldado pelos hábitos cariocas, que amou a vida urbana e o observar do ir-e-vir das pessoas. Foi um verdadeiro ‘antropólogo social’, como nos diz Beatriz Resende em *“Toda Crônica”* (2004). Mais tarde essas mesmas ruas cariocas, agora com suas sarjetas, vielas, subúrbios e bares seriam também o cenário trágico do Lima alcoólatra, depressivo, autodestrutivo... O cenário que o alimentou como escritor, lhe acompanhou do início ao fim. Sobre a forma como Lima viveu a cidade, o espaço urbano, sem se submeter, percorrendo-o de forma marginal, mas não perdendo a sua autenticidade, citamos George Simmel:

(...) Os problemas mais graves da vida moderna derivam da reivindicação que faz o indivíduo de preservar a autonomia e a individualidade de sua existência em face das esmagadoras forças sociais, da herança histórica, da cultura externa e da técnica de vida. (SIMMEL, 1983, p.11)

Enquanto isso, a Ilha do Governador vivia um tempo de prosperidade e crescimento: no século XIX vai funcionar como verdadeiro centro de abastecimento para o Rio de Janeiro. Contava, em 1880, com 2.856 habitantes. Segundo Judite Paiva Souto (2015, p.51), durante o século XIX, a economia da Ilha do Governador baseou-se na atividade pesqueira, na agricultura de subsistência, no fornecimento de gêneros agrícolas para a Corte e na produção fabril a qual incluiu, entre outros, materiais de construção tijolos, telhas, cerâmicas e cal. A paisagem marcava-se por praias limpas, casas à beira-mar, escolas, casas de negócio e algumas indústrias. A vida social era dinâmica e a qualidade de vida, aliada à proximidade do centro do Rio, faziam do lugar uma promessa de bem viver. A Ilha começava a se integrar na

vida da cidade - política, econômica e administrativamente. (IPANEMA, 1991, p.99-100).

Interessantes informações sobre a lavoura na Ilha do Governador também podem ser encontradas nas colunas sobre o tema, publicadas no jornal *O Suburbano*, primeiro jornal local da Ilha do Governador, tendo circulado pela primeira vez em 1º de março de 1900. Elas foram escritas pelo próprio pai de Lima Barreto, de 1891 a 1905, sócio da Sociedade Nacional de Agricultura (centro de referência histórica da Ilha do Governador). João Henriques entendia a Ilha do Governador como uma localidade mais rural que suburbana e discutiu formas mais lucrativas de uso do solo. (esse fato teria sido mais uma inspiração para o personagem Major Quaresma de *Triste fim de Policarpo Quaresma*”).

Pois se Lima era oriundo desse ambiente bucólico e quase rural, intelectualmente ele pertencia ao mundo: leitor voraz, era capaz de comentar qualquer fato com apurado bom senso, de tecer ideias e de fazer artigos sobre todos os assuntos e momentos importantes da vida humana - no plano nacional ou internacional. Por outro lado, era o carioca ‘com todas as letras:’ nasceu, se alimentou, viveu, percorreu e morreu nas ruas do Rio de Janeiro. Foi a representação perfeita da alma carioca e respirou a cidade como ninguém. E criticou-a tão à vontade como só os familiares o sabem fazer, dessa cidade bebendo para si e para sua obra. E esse homem tão cosmopolita, tão universal, tão ‘moderno’, tão antenado para o seu tempo, curiosamente nunca saiu do Rio: foi no máximo à Niterói, onde estudou quando menino...

O Rio e Lima se amalgamaram. Hoje ele é visto como um de seus maiores cronistas. E, mais uma vez, Lima e o espaço têm uma relação íntima: se misturam, se interligam, se retroalimentam.

2.3 ENGENHARIA OU LITERATURA?

Lima Barreto ingressou na Escola Politécnica, no Largo de São Francisco, Rio de Janeiro em 1897. Escolheu engenharia, mas o curso foi muito conturbado, com adiamentos de exames e de disciplinas, reprovações e negligências por parte do aluno:

(...) Positivamente não era um grande estudante. Estava na escola pra satisfazer ao pai, que o queria doutor, com anel de grau e pergaminho. O temperamento rebelde se acomodava, pensando na alegria que isso causaria ao pai (...) Ia pouco às aulas. Era incapaz de se interessar pelas coisas que não amava (...) Preferia esconder-se na biblioteca, devorando Kant, Spencer, Comte, Condillac, Condorcet, LeBon. (BARBOSA, 2002, p. 102)

Lima tinha dificuldades com o ambiente, e já na universidade iniciara a forjar a postura que seria a sua marca - a ironia e o sarcasmo - como formas de defesa às situações em que não se adaptava, não se sentia aceito:

(...) Amável com todos, jamais se entregava à primeira vista. Abria-se com poucos. Quando não estava na biblioteca, juntava-se a este ou aquele grupo, para conversar sobre política, literatura ou sobre a própria Escola. Criticava professores e alunos, sem maldade, mas com ironia. Era a defesa que o ambiente lhe impunha.(...) Não se acostumava ao ‘ar’ da Escola.tímido mas orgulhoso, estava sempre prevenido. E via na maioria dos colegas, quase todos filhos de gente graúda, olhares de desdém. (BARBOSA, 2002, p.105)

Mas apesar de todo o seu retraimento, *‘de andar metido pelos cantos dos corredores ou enfiado na biblioteca’*, tinha uma pequena roda e o que importava era estar no ambiente acadêmico - era pensar, conhecer, estar em contato com outras mentes, ter a oportunidade das discussões e poder começar a escrever. Beatriz Resende nos apresenta um Lima universitário já militante e contribuinte dos jornais acadêmicos (*“A Lanterna”*⁸, por exemplo), através de pseudônimos - *“Alfa Z”* ou *“Momento de Inércia”*. (RESENDE, 2004, p.09).

Barbosa (2002, p.108) observa bem, no que tange ao gérmen de todas as características futuras forjadas nesse momento acadêmico, no convívio com os primeiros colegas, em ambiente de liberdade intelectual: *“...Traça o perfil de colegas e lentes com azedume. A pena é ferina. O sarcasmo já brilha nas suas crônicas. É a reação contra o meio que começa a se processar de modo inevitável”*.

Mas a doença do pai lhe pegará desprevenido... o sonho de ser engenheiro foi interrompido pela necessidade de trabalhar para ajudar a sustentar o pai. Terá de sair da Escola Politécnica. Mas também houve outras dificuldades: ‘a perseguição’ por um dos professores, que o reprovou várias vezes; o preconceito racial já no meio acadêmico; seu complexo de inferioridade frente aos colegas e ao meio social; e a forma íntima como ‘recebia’ tudo isso e a expressava: *“... e se não me formei, honesta ou desonestamente, foi porque não quis.”* (BARRETO, Bagatelas, 1923, p.161). Então, se os anos da Politécnica foram anos de descoberta intelectual, foram também os anos de primeiro contato com o mundo adulto, suas dificuldades, seus sofrimentos, suas frustrações, seus obstáculos. Lima começava a se gestar: virtudes e fragilidades.

⁸ Periódico anarquista que circulava à época.

Então, Lima tentou ser engenheiro... Talvez sua vocação fosse realmente escrever.... E ela se cumpriu: o fez magistralmente. Mas abraçou-a no meio de muita angústia e decepção. De toda forma, a literatura lhe amparou, lhe deu forças - até o final. E foi nela que ele se alimentou também - e a ela devolveu todo o seu potencial, toda a sua vida, todas as suas possibilidades.

2.4 O PRECONCEITO RACIAL E SOCIAL: ASSIMILAÇÃO OU DENÚNCIA, CONFORMISMO OU REVOLTA?

O jovem que era filho de uma mulata e neto de escravos, e, portanto, denunciava na pele a sua origem, foi nascer no 13 de maio de 1881 e foi, ainda pequenino, à missa de abolição da escravatura com o pai, no Campo de São Cristóvão. “*A sociedade brasileira do início do século, porém, ainda racista e preconceituosa, em um país que somente aboliu a escravidão quando nosso autor já tinha sete anos*”, continua Beatriz Resende, “*não estava disposta a permitir que aquele mulato, neto de escravos, tivesse acesso à elite intelectual*”. (2004, p.10).

A cor de sua pele o colocava, na sociedade de então, num lugar de inferioridade e submissão. Como muitos de sua época, Lima poderia talvez ser um assimilado, um conformado, aceitando o que a sociedade estivesse disposta a lhe dar, não confrontando o sistema. Mas, sofrendo o preconceito racial e social, sentindo-se inferiorizado, não se conformou a lugares, a desejos alheios. Foi um rebelde, um teimoso, um inconformado, mas a sua arma foi a pena. E sua literatura logo nos diria isso: sua verve sarcástica e irônica tornou-se sua marca. E justo porque foi relegado a um ‘não-lugar’, recusou qualquer rótulo, qualquer privilégio, e isso lhe deu liberdade: para falar, escrever e ser o que quisesse.

O início do sec. XX foi o momento das teorias de pureza das raças e, dentre elas, do embranquecimento. O momento era difícil para os negros recém-saídos da escravatura e que tentavam a vida na sociedade livre, buscando serem homens e mulheres plenos: o preconceito e a pressão pelo embranquecimento da raça eram grandes. Os processos de negação e assimilação eram frequentes. Apesar de gozarem da condição de indivíduos livres, de boas ou razoáveis condições socioeconômicas, de patamares culturais e intelectuais muitas vezes acima da média, eram vistos como cidadãos de segunda classe, à margem, não aceitos, e que deveriam, para serem assimilados, se “embranquecerem”. E já que não era possível

embranquecer a pele, que se o fizesse na mente, nos hábitos, no discurso - na negação da real condição. Para ser aceito e ser visível era preciso ser branco - ou melhor, não ser negro.

Beatriz Resende nos fala em entrevista⁹ a respeito das internações de Lima Barreto e dos episódios de preenchimento das suas fichas médicas: “(...) *Esta entrada de 1914 do Lima Barreto no hospício (...) a observação [na ficha]: “Cor: branco”. Já em 1919, ele é considerado pardo. Porque em 1914, quem faz a anotação é um médico que o conhece, sabe que ele é escritor*”. Em uma única situação, aparece não só o preconceito racial, como o social, o de classe, em pressupor que um escritor famoso ‘não poderia passar pela vergonha de ser negro’. Ora, e, de fato, era um sofrimento triplo: o preconceito racial, o social e a internação como alcoólatra - todas as ‘mazelas’ de uma só vez.

Muitos tiveram o ‘reconhecimento’, o aceite da sociedade; um lugar garantido e uma certa e ‘calculada’ mobilidade social permitida. Preço alto a pagar? Para Lima sim: ele não pagou! Ele não aceitou nenhuma imposição, nenhum rótulo, nenhuma ordem. Foi conscientemente rebelde e inconformado. E fez mais: não só não aceitou essas regras como ‘abriu fogo’ contra esse sistema que o pressionava, o reduzia, o excluía - contra o ‘*establishment*’ - e ele não economizou munição: fez de sua arte, denúncia... E, à medida que essa postura se acentuava, se solidificava, se mostrava, ele colhia cada vez mais as consequências dela. Foi rechaçado em todas as frentes a que se lançou: foi recusado na Academia Brasileira de Letras (ABL) por três vezes; nunca achou editora para seus livros (foi com muito sacrifício que os publicou - a custo próprio, ao de amigos, em fascículos, etc...); nunca conseguiu um emprego nos grandes jornais da época... Em compensação, poderíamos dizer que esse ‘não-lugar’ lhe daria mais liberdade ainda e permitiu que ele forjasse ‘um novo lugar’..., quem sabe, só seu...

Assim, se Lima Barreto foi um homem totalmente livre, pois que se descompromissou das amarras da sociedade, exatamente por isso ele ficou à margem dela. E se pode colher, digamos, ‘benefícios’ dessa posição e dessa postura, também pagou um preço alto por isso. Amargou a dor da rejeição e da não-aceitação; de não ter o respeito, a admiração, o reconhecimento e até uma condição financeira tranquila que lhe daria alguma paz. E quanto mais o rejeitavam, mais ele se tornava incômodo, ácido, detonador, e mais era empurrado para a margem. Assim, Lima deixou aflorar todos os demônios e usou sua revolta e seu inconformismo como energias, como armas, como escudos. Escreveu romances e contos que denunciavam o preconceito racial, social e econômico; a discriminação contra a mulher e os

⁹ <http://www.saraivaconteudo.com.br/Materias/Post/10423>

menos favorecidos; a corrupção política e a hipocrisia social: as dores do mundo que saltavam aos olhos e ressoavam na sua alma sensível e na sua pena talentosa. E foi até as últimas consequências: bebeu até o último gole da taça do desespero, da angústia, da aflição, da falta de saída. Mas foi ele mesmo - não podia ser outro, afinal - a sua 'não-saída', a sua 'não-escolha' tornaram-se afinal a sua 'saída', a sua 'escolha' de vida.

Nesse aspecto, Lima e o Carico foram esse mesmo 'não-lugar': esse espaço de tensão, de conflitos, de dor, de sensibilidade, de matéria humana. Também como o Brasil da época, que se fazia ainda e buscava suas origens, raízes, identidade, afirmação (e que passaria as décadas seguintes a questioná-las e a buscá-las, através da cultura e dos seus intelectuais). Lima, o Carico, o Brasil.

2.5 OS DEMÔNIOS INTERIORES: ABANDONO, REJEIÇÃO E ALCOOLISMO. A LUCIDEZ NO MEIO DA LOUCURA: AS INTERNAÇÕES.

Da outra vez, fui para a casa-forte e ele me fez baldear a varanda, lavar o banheiro, onde me deu um excelente banho de ducha de chicote. Todos nós estávamos nus, as portas abertas, e eu tive muito pudor. Eu me lembrei do banho de vapor de Dostoievski, na Casa dos Mortos. Quando baldeei, chorei; mas lembrei de Cervantes, do próprio Dostoievski, que pior deviam ter sofrido em Argel e na Sibéria. (BARRETO, "O Cemitério dos Vivos", 1920, p.16)

Profundamente afetado pelos sonhos desfeitos, pelas frustrações de vida, pelos projetos abandonados, pela precária situação financeira da família, "que os fizeram mudar de residência oito vezes" (SANTOS, 2001, p. 26) e pela doença de seu pai, Lima não suporta a violência da nova situação e sucumbe às noitadas e ao alcoolismo. Ao largar a Escola Politécnica, arranja um emprego de escriturário no Ministério da Guerra e como funcionário público, passa, com seu modesto salário, a tentar sustentar-se e a ajudar em casa: (...) "O caminho do serviço público aparece, então, como possibilidade de sustento, inclusive da família. A vida de funcionário público oferecia, além de segurança, a possibilidade de ser compatível com outras funções, como a de escritor e jornalista (...)." (RESENDE, 2004, p.10)

Ainda assim, continua a escrever por sua conta, a dedicar-se às letras e a acompanhar os jornais e as notícias. Mas sua verve satírica e agressiva o colocam sempre em maus lençóis com os editores e aqueles que poderiam lhe dar um bom emprego nas letras. Ele estará sempre

a criticar tudo e todos. Um constante movimento desafiador e, assim, muitas portas se fechavam. Em um Rio de Janeiro, onde a ‘*intelligentzia*’ era formada por um pequeno grupo e todos se conheciam, era quase um movimento de autodestruição.

Mas ele encontrou algumas saídas: contribuiu para jornais ditos alternativos e secundários; publicou obras em fascículos e por conta própria; e tornou-se um intelectual autônomo, que transitava por um espaço ‘secundário’, é verdade, mas que exatamente por isso talvez, tenha adquirido maior liberdade – e, obviamente, as dificuldades inerentes a ela também. Beatriz Resende (2004) descreve sua trajetória na produção escrita e a relação com a imprensa e os jornais:

(...) A publicação de seu primeiro romance determinará o fim de suas ambições em continuar praticando o jornalismo. Com a publicação do romance *Recordações do escrívão Isaías Caminha* e as críticas que formula ao dono do *Correio da Manhã*, o poderoso Edmundo Bittencourt, torna-se imediatamente *persona non grata* não só a este, mas a todos os outros grandes jornais do Rio de Janeiro. Contraditoriamente, é esta exclusão que irá determinar sua vida como cronista, garantindo sua independência ante o poder exercido pelos influentes da imprensa e tornando-o um especial intérprete da cidade, imune à frequente cooptação que ocorria com os intelectuais. Seu caminho será traçado pelo percurso através das pequenas publicações, independentes, ainda que frágeis. (RESENDE, 2004, p.11)

Tentou a ABL por três vezes e não foi aceito. Publicou e teve a indiferença. A rejeição em virtude do preconceito racial e da não conformação e submissão a idéias e rótulos impostos fizeram acentuar-lhe o caráter excessivamente crítico, satírico e até inconveniente. Tal postura, foi tanto causa como consequência.

Ao enfrentar essa luta, não a fez ‘sem baixas’: tantos problemas e nada ajudava, confortava, solucionava... qual seria a saída? Não seria... Depressão, álcool, alucinações... Pelas suas próprias palavras, ele define seu drama:

(...) Muitas causas influíram para que eu viesse a beber; mas, de todas elas, foi um sentimento ou pressentimento, um medo, sem razão nem explicação, de uma catástrofe doméstica sempre presente. Adivinhava a morte de meu pai e eu sem dinheiro para enterrá-lo; previa moléstias com tratamento caro e eu sem recursos; amedrontava-me com uma demissão e eu sem fortes conhecimentos que me arranjassem colocação condigna com a minha instrução; e eu me aborrecia e procurava distrair-me, ficar na cidade, avançar pela noite adentro; e, assim, conheci o chopp, o whisky, as noitadas, amanhecendo na casa deste ou daquele. (BARRETO, *O Cemiterio dos Vivos*, 1920, p.47-48)

Foi internado duas vezes no Hospital Pedro II. Lá, outra faceta do inferno. Ele descreveria com toda a sua lucidez e consciência o ambiente manicomial, os atendentes, os enfermeiros, os médicos, a ideia que faziam dele, a ideia que ele fazia deles e de tudo aquilo:

(...) Teria para si, sem desprezar nenhum, que aqueles homens todos que para ali iam, eram pobres, humildes como ele e habituados aos misteres mais humildes, senão, iriam diretamente para o Hospício. Não deviam, por consequência, vexar-se por executa-los. Desde lá, não o levei a mal, por ter-me conduzido àquelas baldeações. Estava ele no seu papel, tanto mais que eu não era melhor do que outros a que o Destino me nivelara. Sofri, com resignação e, como já disse, às vezes mesmo com orgulho, o que poderia parecer a outrem humilhação. Esqueci-me da minha instrução, da minha educação, para não demonstrar, com uma inútil insubordinação, como que uma injúria aos meus companheiros de Desgraça. Não reclamei; não reclamo e não reclamarei; conto unicamente. (...). (BARRETO, 1920, p.16)

Àquela época, doentes mentais, depressivos, alcoólatras, psicóticos - todos eram considerados doentes psiquiátricos e submetidos aos mesmos procedimentos. E, para uma alma tão sensível, aquele era um ‘novo’ e mais terrível patamar de dor íntima. Logo ele, um homem tão cerebral e com educação tão esmerada, visto como um louco, como alguém que perdera a capacidade de pensar:

(...) Por essa ocasião, confesso, vieram-me as lágrimas aos olhos. Já não era mais o varrer, porque, mais de uma vez, varri a minha residência; em menino, minha mãe fazia-me varrer a casa e fazer outros serviços menores, para não ficar em prosa; quando estudante, para poupar dinheiro, vasculhava o meu cômodo. Não era o varrer; era o varrer quase em público, sob o olhar de tanta gente a que não ligava a infelicidade comum. Veio-me, repentinamente, um horror à sociedade e à vida; uma vontade de aniquilamento, mais do que aquele que a morte traz; um desejo de perecimento total da minha memória na terra; um desespero por ter sonhado e terem me acenado tanta grandeza, e ver agora, de uma hora para outra, sem ter perdido de fato a minha situação, cair tão, tão baixo, que quase me pus a chorar que nem uma criança. (BARRETO, 1920, p.16)

Verdadeiro inferno na terra, Lima Barreto narra essas interações em ‘Diário Íntimo e ‘Cemitério dos Vivos’, atestando a incrível lucidez não só ao descrever a situação à sua volta, bem como sua agonia interior: “(...) *Digo com franqueza, cem anos que eu viva, nunca poderá apagar-se da minha memória essas humilhações que sofri (...) Estou seguro que não voltarei pela terceira vez. Senão saio daqui para o São João Baptista, que é próximo*”. (BARRETO, Cemitério dos Vivos, 1920, p. 34).

2.6 O PAI E A DOENÇA: O HERÓI ABATIDO.

A trajetória do menino Afonso - sensível, delicado, impactado pela perda da mãe aos seis anos - liga-se à figura do pai e, como não podia ser diferente diante das dificuldades precoces, o vê, o sente, o introjeta como seu herói. Um herói às vezes atrapalhado, confuso e desequilibrado, mas profundamente amado, por quem foi capaz de renunciar aos sonhos mais caros para lhe dar o sustento. Um herói factível, humano, falível - como a vida real -, e, ao mesmo tempo, cheio de integridade, de idealismo, de esperanças, de virtudes - um Quixote moderno, a guerrear contra os moinhos de vento.

O incompreendido Major Quaresma de *‘Triste fim de Policarpo Quaresma’* - o sonhador nacionalista e monárquico, que defendia o tupi-guarani como parte da identidade nacional e a agricultura como sustento para o Brasil - , e que enlouquece tendo um trágico fim, é a figura de seu pai João Henriques. Assim, Lima não usou a literatura só para colocar os personagens da época, mas colocar os seus mais caros afetos: a família, o lugar, a casa, a infância. Através da arte, exorcizou seus demônios mas também exaltou seus amores.

João Henriques permaneceu doente sendo cuidado em casa por anos e Lima Barreto, pelas ruas. Diz-se que pouco ficava em casa e que perambulava muito, também porque não aguentava ver o pai doente - e que muitas vezes nem o reconhecia -, que dormia no quarto ao lado e anos a fio esteve preso a uma cama. O homem que resistiu à morte da esposa, criou os quatro filhos com esforço, fez as mudanças necessárias para continuar vivendo, buscou outras profissões, outros empregos, outras moradias, o que fosse necessário para dar sustento à família... O homem que abdicou de seus sonhos, seus ideais políticos, talvez suas esperanças... E o que um pai é ao olhos de uma criança? Sempre um herói. Ainda que a criança cresça, ainda que o pai adoeça, que a vida mostre toda a sua violência e os seres toda a sua vulnerabilidade e fragilidade... Ainda que tudo, construimos o que queremos como memória, selecionamos o que desejamos - vivemos, sentimos e atualizamos.

2.7 A LIBERTAÇÃO.

A caminhada trágica de Lima Barreto vai ter fim a 1º de novembro de 1920, já muito debilitado organicamente e aposentado por invalidez. Falece em casa - a última casa, a casa

do Cachambi -, em seu leito. O biógrafo nos diz que, talvez tendo pressentido a morte do filho, João Henriques o chama de seu quarto incessantemente em vão, e morre dois dias depois:

(...) No seu leito de moribundo, João Henriques sentira que qualquer coisa diferente ocorrera na casa. Como que recobrando a razão por um instante, perguntara à filha, no dia seguinte: - Que foi que aconteceu? Afonso morreu? Evangelina procurou acalmá-lo, mas em vão. João Henriques tinha os olhos secos e duros. Logo depois, entrava em agonia. Nada mais restava a esperar... Morreu quarenta e oito horas depois do filho. Foi enterrado na mesma campa. E, no tumulto humilde, eles repousam para sempre, novamente unidos, na morte e na vida. (BARBOSA, 2002, p.360).

Ao seu devoto amigo, Francisco de Assis Barbosa, que recolheu todos os seus escritos após a sua morte e dedicou-se a pesquisar a sua vida, devemos a sua biografia e muitas publicações póstumas de sua obra.

O escritor deixou uma trajetória que ainda pede compreensão, que ainda pede um olhar compassivo, que ainda pede inteligência. Deixou uma obra onde biografou-se, biografou aos seus, 'biografou' o Brasil, 'biografou' sua época, 'biografou' seu mundo. Nela esteve a crítica social e política, a ironia cultural, o sarcasmo intelectual, a fina observação dos temas mundiais, o posicionamento às questões humanas. Esteve o amor ao País, ao povo brasileiro, à sua cultura e ao seu imaginário. Esteve também o preconceito que vivenciou, a dor, o sofrimento. Esteve, mais que tudo, o pai, as pessoas, a casa, o Sítio do Carico. E, com eles, as alegrias, a infância, a felicidade, o amor.

E porque ele foi tudo isso - virtudes e defeitos, deus e demônio, civilização e barbárie - ele nos instiga, nos defronta, nos chama. Foi humano. Foi Lima Barreto.

2.8 PORTAS FECHADAS, CORAÇÃO ABERTO: LIMA TOMA O MUNDO. A IMENSA PRODUÇÃO LITERÁRIA, INTELECTUAL E ARTÍSTICA.

A despeito de toda a vida trágica e cheia de sofrimentos, Lima Barreto conseguiu produzir vasta obra literária. Ou talvez o seu sofrimento tenha sido o seu combustível, como muitos apregoam. A verdade é que ninguém precisa sofrer tanto para expressar sua arte, mas podemos dizer que ele usou a literatura como força, como lugar de resistência íntima, de ancoradouro.

E ao se refletir sobre a relação, vivida por muitos literatos enquanto drama, sobre escrita e exclusão social, Alfredo Bosi, em *Literatura e Resistência*, fala das diversas possibilidades que se abrem para o estudioso que toma como objeto a condição do ‘excluído’ ou do ‘marginalizado’ como o protagonista da escrita, e através da qual o escritor imprime a denúncia e a reivindicação social. No caso de Lima Barreto, segundo Bosi (2002, p. 258), vale salientar que “*o escritor fala a partir do lugar de intelectual negro, humilhado e ofendido*” e “*é da sensação de ressentimento e impotência diante das tramas que envolvem a manutenção da ordem oficial que nasce a potência da sua crítica social e política*”.

Lima Barreto escreveu mais de 17 livros, entre romances, contos, crônicas, cartas e artigos. E é curioso que justo um artista a quem tenham tentado conformar, assimilar e calar tenha produzido tanto... talvez justamente por isso... Percorreu vários gêneros literários, e os mais variados assuntos.... Editou-se em fascículos, por conta própria, por conta de amigos, esforçando-se pelas vias alternativas, mas conseguindo ser editado, ser lido, ser comentado, provocando polêmicas e reações... E, dessa forma, a última coisa que Lima fez, foi ser invisível! Se por um lado, achou que não pode levar à frente as suas escolhas de vida, e se as portas sempre lhe bateram à face, se a frustração foi o que lhe restou à destruição dos sonhos.... por outro, conquistou um ‘passe-livre’ e fez o que bem quis na vida e no mundo. Tornou-se um indivíduo marginal, é verdade, mas, repleto de inteligência, de argúcia e de sensibilidade, não teve limites.

Na contemporaneidade, multiplicam-se os estudos acadêmicos sobre Lima Barreto. Como homem e como artista, Lima Barreto nos fornece um inesgotável material para estudos em todos os campos. Marcou. Fez-se visível. Fez-se Lima. Hoje é tido como um dos grandes pensadores da sua época: valorizado, estudado, reconhecido, admirado, cultuado até. Talvez tenha, pelos tortuosos e sofridos caminhos, e por nunca ter buscado se submeter, conquistado em morte o que não conseguiu em vida - e que queria tanto!

2.9 O ‘NÃO-LUGAR’ NO MUNDO? O LAR INTROJETADO. A FORÇA SIMBÓLICA. O CARICO.

Diante de toda a trágica história e sofrida trajetória de Lima Barreto, perguntamo-nos onde ele encontrou forças para produzir tanto. Acreditamos ser a literatura a resposta. E diante dos rótulos de ‘sarcástico’ e ‘irônico’, pensamos nos diversos textos e momentos onde ele

descreve a infância, os lugares, as gentes e um certo universo com tamanha doçura, carinho, inocência, pureza e ingenuidade que se admira que seja ele mesmo, o Lima que todos conhecem como ácido, mas que era ele...essencial e genuinamente ele. Vejam, por exemplo:

(...) Na minha meninice, nos arredores do Rio, eu tinha visto espetáculo que agora a imaginação associava a este (...) Era por aquela hora dourada da tarde, mais cedo um pouco, mas já as montanhas se tinham adelgado para sofrer a carícia imaterial de um céu rarefeito. (BARRETO, 1919, Gonzaga de Sá, p.112)

Ou, por exemplo: “(...) *A noite caía rapidamente. A tarde, dúbia, apressara~lhe a queda e não nos dera senão um monocromico crepúsculo de chumbo, com bambolinas de teatro*” (BARRETO, 1919, 77). Ou, ainda, uma das mais lindas e poéticas passagens da sua literatura, mostrando quem era Lima Barreto no seu íntimo preservado, não corroído pelas angústias, pela realidade:

(...) Olhei ainda uma vez a altiva elegância da árvore, lá, muito no alto, pairando sobre a cidade, e a beijar as nuvens radiantes. Há mais de vinte anos sofria as nuvens radiantes. Há mais de vinte anos sofria a violência inconstante dos ventos; há mais de vinte anos escapava à raiva traiçoeira do raio; há mais de vinte anos suportava o rugido inofensivo do trovão... essas negações, e as outras vindas da terra dura, granítica e pobre, fizeram-na maior, mais airosa, deram-lhe mais orgulho e atiraram-na aos ares altos. Hoje, plana sobre tudo, sobre a cidade, sobre a ingratidão do granito e olhará compassiva e desdenhosa as pobres e cuidadas árvores que enfeitam as ruas. (BARRETO, 1919, p. 95)

Barbosa (2002, p.158) resume bem a situação de Lima Barreto:

(...) A verdade é que o rapaz cheio de sonhos não aceitou sem relutâncias a mediocridade da vida que passaria a viver. Antes da doença paterna, o seu tempo era dividido entre bibliotecas e as conversas de café. Convivia com artistas, escritores, jornalistas, numa agradável disponibilidade. Agora, não. Fizera-se funcionário público. Era chefe de uma família numerosa. Tinha deveres e responsabilidades, que lhe impunham à vida uma rotina cruel.

Assim, demitido do mundo e relegado ao não-lugar, ele ‘retornou’ e exilou-se no seu lugar de conforto, de amor e de felicidade: a infância e o Carico. O espaço e o tempo onde não havia sofrimento, angústias, aflições, problemas. Só felicidade, só sonhos, só ingenuidade. O tempo de confiança no mundo e nas possibilidades; o espaço de liberdade e desenvolvimento. O ninho de afeto, de segurança, de proteção. O mundo perfeito: o lar, a família, a casa, o espaço, a liberdade. O ideal de felicidade, de lugar no mundo. A criança sensível que viu e

viveu isso tudo com olhos de criança e que teve a terra firme para pisar, guardou essa imagem de relicário, de tesouro.

Esse lugar vivido no Sítio do Carico e que nunca mais se repetiria, frente às sucessões de dificuldades externas e internas, objetivas e subjetivas, tornou-se a fonte de forças e de inspiração. Incapaz de ter na sua vida adulta a felicidade daquela infância, Lima Barreto trouxe a felicidade do passado para suas obras, para seu mundo interno adulto, para a sua mais cara vivência. E ele ‘atualizou’ essa felicidade na sua literatura: o lugar onde tudo podia, o seu espaço de liberdade. E criou um universo novo e paralelo, para fazer frente à realidade tão dura que só podia ser suportada embriagado: criou o ‘seu’ Sítio do Sossego.

Assim, Lima não usou a literatura só para satirizar as figuras contemporâneas; denunciar preconceitos sociais; criticar a política, mas para colocar os seus mais caros amores: a família, o lugar, a casa, a infância, a sua história. A sua literatura foi essencialmente autobiográfica: o Major Quaresma de ‘Triste fim de Policarpo Quaresma’- o sonhador nacionalista e monárquico, que defendia o tupi-guarani como identidade e a agricultura como sustento para o Brasil - , incompreendido e que enlouquece, tendo um fim trágico, é claramente a figura de seu pai João Henriques.

Nesse ‘espaço’, Lima buscava forças e refazimento. Ali, Lima se ancorava. O Sítio do Carico tornou-se, assim, um simulacro de felicidade que ecoava no tempo, que persistia, que resistia - memória que era e, portanto, se alimentava do presente e se refazia todos os dias. As representações que Lima Barreto deu ao Sítio do Carico são construções memorialísticas, feitas da experiência, das lembranças, dos sentimentos e das necessidades desse adulto que *memorializava*. É verdade, o Carico ainda existe, ainda está lá, muito pouco modificado, com o riacho, a mangueira, a casa... No entanto, não foi nesse lugar físico que Lima habitou quando adulto e foi buscar suas energias e seus sonhos. O lugar físico evocou e evoca o lugar simbólico, o lugar interno - onde tempo e espaço se misturam e tornam-se parte de uma só coisa. Um lugar simbólico de felicidade - o mundo perfeito.

Figura 18



A antiga casa do escritor Lima Barreto, no Sítio do Carico, onde morou de 1890 a 1902.

*Acervo: PAMB-RJ
(doação do Prof. Dr. André Luiz dos Santos ao PAMB-RJ)*

Figura 19



A casa do Sítio do Carico, atualmente utilizada como Corpo da Guarda do PAMB-RJ.

Acervo: PAMB-RJ

CAPÍTULO 3

O SÍTIO, LIMA E A MEMÓRIA.

3.1 LUGAR OU ‘NÃO-LUGAR’?

O espaço que recebe as ações do tempo, das lutas, dos conflitos, dos interesses, das possibilidades, da ação humana enfim - seja ele coletivo ou individual, com todas as influências, interferências e restrições inerentes a essa condição - é um dos sujeitos dessa pesquisa. O ‘espaço’ se faz e se refaz; se reconfigura; se expande em significados que se depositam como sementes para frutificarem no futuro, como arquivos a serem abertos, como camadas a serem expostas - todas com possibilidades de serem trabalhadas em algum ponto, em um momento ‘futuro’.

Mas esse espaço, à primeira vista, parece não conter ‘nada’ de todo esse processo de construções e mutações: quase não há mais vestígios, não há um reconhecimento ostensivo, não há correlações muito aparentes... não há ‘nada’ mais lá! Há agora uma outra organização, outras edificações, outras gentes habitando... Então, não há ‘nada’ para ser visto, para ser estudado, para ser revelado? Estará tudo apenas na mente imaginativa do pesquisador, que busca ansiosamente as provas no mundo para as suas hipóteses? Mas apenas o observador desatento pensaria assim. O olhar insistente sabia das energias submersas, latentes, presentes e invisíveis... Camadas... Camadas de memórias. Como arqueólogo, mergulha-se nas dobraduras da história, e vasculha-se os vestígios do tempo, emergindo e trazendo tudo que está implícito, em silêncio, mas que nunca deixou de existir.

À pesquisadora, ficou a séria e quase impeditiva interrogação se os vestígios existentes seriam suficientes para desvelar e revelar toda a construção - ruínas submersas -. Por onde começar? Tudo tão imaterial, tão invisível, tão intangível... Mas havia a certeza de que estava tudo ali.

É um sítio arqueológico e, como tal, deve ser olhado, tratado, creditado, inferido... sentido! Carece esse olhar investigador, carece esse investigador de ser curioso, persistente e leal ao que se sabe estar lá.

Vou encontrar respostas - mais que isso, alento - às essas minhas primeiras e primitivas indagações em Didi-Huberman, que, ao falar de Auschwitz e Birkenaw, no ensaio ‘*Cascas*’ (2013), e da procura que o visitante longínquo do tempo passado faz, na ânsia de ver

e encontrar algo, ao percorrer aqueles lugares - agora transformados em ‘lugares de memória’ e totalmente diferentes do que foram e/ou do que se pretende encontrar - :

(...) Isso significaria que não há nada a imaginar por que não há nada -ou muito pouco - a ver? Certamente não. Olhar as coisas de um ponto de vista arqueológico é comparar o que vemos no presente, o que sobreviveu, com o que sabemos ter desaparecido. (DIDI-HUBERMAN, 2013, p.117)

Convém treinar o olhar, ver além: as memórias nascem do encontro da força que vem do passado com o presente. É nessa encruzilhada entre passado e presente; experiência e história; fato e imaginação; percepção e silêncio que a memória se cria; pertencente a todos e feita de muitos; plural e multifacetada - mas absolutamente única para cada um.

Ele diz, ainda, a respeito do ‘não-lugar’, do que se espera, do que se vê, do que não se vê, mas está e é:

(...) Essa fotografia ‘defeituosa’, ‘abstrata’ ou ‘desorientada’ testemunha algo que permanece essencial, isto é, o próprio perigo, o vital perigo de presenciar o que acontecia em Birkenau (...) Para o idealizador do lugar de memória, essa fotografia é inútil, uma vez que privada do referente que ela visa: não se vê ninguém nessa imagem. Mas será necessária uma realidade claramente visível - ou legível para que o testemunho se consume? (DIDI-HUBERMAN, 2013, p.121)

Didi-Huberman faz uma crítica aos ‘lugares de memória’ assim como Pierre Nora (1993) os conceituou: construídos, como um produto a ser consumido, à disposição da indústria cultural, dizendo que não se deve retocar a vida, o passado para apresentá-lo. A experiência é como é.

Pierre Nora (1993) nos diz que criamos lugares de memória para ancorar essas memórias, face à ameaça de perda e de diluição, fruto de um sentimento compensatório e desiludido. Os ‘lugares de memória’ existiriam como uma extensão para o mundo real (o espaço físico) a partir de todo o imaginário individual ou coletivo. Com essa proposição, Nora reafirma a função da memória e coloca os ‘lugares de memória’ no seu papel de signo evocador das experiências significativas.

Não rejeitamos o conceito de Nora; no entanto concordamos com Huberman quando diz que o ‘lugar de memória’ deve conquistar esse status pela força com que aquele acervo de experiências se impõe. Daí a crítica aos lugares de memória maquiados, retocados, recontados - que guardam não a experiência - e que não vêm ao encontro do presente, suscitando o

impacto que fará despertar. Nesse aspecto, a crítica (à forma e não exatamente ao conceito em si) é absolutamente lúcida e debruça-se sobre as tendências contemporâneas de tudo memorializar.

Mas memorializar como? Um movimento no qual muitos ‘lugares de memória’ são construídos artificialmente, sem uma energia, um gérmen, um incômodo, uma nascente que faça florescer essa necessidade íntima de descobrir o que ali se passou, banalizando e reduzindo? Maquiagem é apagar o que perturba, é deformar, é tirar a essência, é apresentar outra coisa. É preciso ‘ver’ a coisa como ela é. Por esse ângulo e essa percepção tão fina, as reflexões de Huberman parecem-nos se adequarem perfeitamente ao nosso objeto de estudo.

Ele completa, ainda, ampliando o nosso campo de observação:

(...) Nunca poderemos dizer: não há nada para ver (...) Para saber desconfiar do que vemos, devemos saber mais, ver, apesar de tudo (...) Isso significa que (...) a arte da memória não se reduz aos objetos trazidos à luz. (DIDI-HUBERMAN, 2013, p.127)

Didi-Huberman resume bem o sentimento diante de um universo pulsante, mas em potência... a ser descoberto... às vezes invisível... às vezes submerso:

(...) Olhei as árvores como alguém que interroga testemunhas mudas (...) Para a minha memória, contudo, elas são o que algumas aparas de casca de árvore são para o único tronco: lascas de pele, carne germinando. (DIDI-HUBERMAN, 2013, p.132)

O nosso Sítio do Carico revela-se, pois, como um universo complexo, com dinâmicas próprias, história própria, interesses próprios e construção própria. E esse repertório é a própria fonte, ebulição e veia condutora da construção de memórias. O espaço como ente pulsante, vivo e dinâmico, fundamento e estrutura para a essência a ser construída e revelada. Visão de um caleidoscópio... a cada novo movimento, uma nova imagem... e igualmente rica, delicada, instigante e bela... Saber olhar.

3.2 ESPAÇO, TEMPO E MEMÓRIA.

Ao contrário do senso comum, a academia nos diz que as memórias não são resgatadas de um passado, mas sim produzidas, construídas, eleitas, selecionadas - no tempo presente. Qualquer acervo memorialístico seria, então, o resultado de complexo e elaborado

processo de seleção, no qual interferem e colaboram inúmeros fatores: culturais, sociais, econômicos, políticos ou afetivos. Serviria essa seleção e essa construção memorialística aos mais variados interesses; seja de manutenção tanto de uma cultura, um grupo, um lugar, uma prática social, um hábito ou uma tradição, quanto de um *status quo*, um poder, um símbolo, um mito. Ou, ainda também, o servir à construção de uma identidade (ou múltiplas identidades) - individual ou coletiva; real ou imaginada; objetiva ou subjetiva -.

Mas se a memória não é em apenas um resgate de algo pronto, ela é sim algo de coleta de inúmeros acontecimentos e significados que ficaram depositados ao longo do tempo em algum tipo de suporte. Trazidos à tona, tirados a sua poeira, recuperados e ‘misturados’ segundo certa ordem e determinado ponto-de-vista (o olhar do investigador), compõem um novo cenário, uma nova trajetória, uma nova apresentação, uma nova narrativa - como um caleidoscópio girando na mão do observador e que, a cada movimento e parada, apresenta novos desenhos repletos de novos colorido, mistério e graça, em um infinito desdobramento de imagens -.

Como Jô Gondar (2009) aponta, o conceito de memória social é um conceito complexo, inacabado, em permanente processo de construção. Está a memória inserida em um campo de lutas e de relações de poder, configurando um contínuo embate entre vencedores e vencidos, denúncias e silêncio, lembranças e esquecimento. Diz, ainda, que seus conceitos se produzem no entrecruzamento - ou nos atravessamentos - entre as ‘disciplinas’, entre as diversas áreas do saber, entre os diversos temas, assuntos, cenários, enfoques; feito, enfim, na malha, na tecitura do tempo e da vida.

Note-se, ainda, que os campos da memória individual e da memória coletiva constantemente são vistos como uma arena de conflitos. Cabe ressaltar aqui que muito mais que uma área a ser disputada, ambas são os ‘dois lados da mesma moeda’, que se completam e afetam-se mutuamente. Se o cenário social é o que as engloba, as irmana, as conceitua; a experiência individual é o que introduz a diferenciação, a subjetividade, o sentimento deste ser social.

Apoiamo-nos, então, nos estudos de Maurice Halbwachs (2006), pois é a partir dele que se pensará nessa dimensão da memória que ultrapassa o plano individual, considerando que “*as memórias de um indivíduo nunca são só suas e que nenhuma lembrança pode existir apartada da coletividade*”. Segundo ele, as memórias são construções dos grupos, que determinam o que é memorável e os lugares onde essa memória será preservada. É uma idéia a ser considerada em relação aos grupos estudados? Estariam eles unificados pelas mesmas

memórias indeléveis e silenciosas? Haveria uma coesão entre esses mesmos grupos em relação ao espaço em questão? Influiria o espaço nessa coesão? Estaria esse enclave de memória submetido à ação de um tempo próprio?

A esse respeito, o autor completa:

(...) que nossa capacidade de pensar, agir e transformar o mundo necessita sempre considerar seus limites, pois há aspectos que, por mais que incorporemos, nos antecedem (...) não há necessidade de pensarmos que a antecedência de quadros sociais da memória implica a imposição de uma representação coletiva, única e homogênea. (HALBWACHS, 2006)

Esse pensamento nos presta diretamente serviço em nossas análises no que tange à multiplicidade de sujeitos e memórias, atravessadas pelo coletivo e pelo individual simultaneamente. Dessa forma, Halbwachs vem nos auxiliar diretamente com os conceitos de memória coletiva e memória individual, visto que, o nosso objeto de pesquisa é exemplarmente pleno no preenchimento de todas essas possibilidades, de todas essas instâncias. Existe um espaço que, como conjunto social, como ente coletivo e organismo vivo, gera narrativas, representações e memórias; e existem indivíduos que, inserido nessa experiência coletiva, possuem sua própria experiência individual e sua percepção, construindo e gerando também eles narrativas, representações e memórias acerca daquele espaço e daquela vivência. Nesse sentido, podemos dizer que a memória individual se produziu a partir do que foi vivenciado e compartilhado, ou seja, da memória coletiva. Existem, portanto, representações coletivas e, ao mesmo tempo, percepções individuais que geram representações individuais. E não é um contraponto: ambas se entrelaçam, se completam, se entremeiam e se cruzam, permitindo dessa forma um rico cenário a ser analisado.

É dessa forma que as memórias construídas, por exemplo, por Lima Barreto e ‘sua’ representação do Sítio do Carico são desdobramentos oriundos da matriz coletiva e não existiriam, certamente, sem essa antecedência da memória coletiva, da memória do espaço - que existe e constrói memórias por si só, mas que também permite uma gama de diferenciações a partir de si. Roberto da Matta (1997) cita Polanyi: “*o espaço não existe como uma dimensão social independente e individualizada, estando sempre misturado, interligado ou “embebido” em outros valores que servem para a orientação geral*”. (DA MATTA, 1997, p.28).

A respeito da complexidade e da dificuldade de delimitar um espaço, aponta para o fato que existem diversas modalidades de ordenação espacial e acrescenta ele próprio: “(...) o espaço é demarcado quando alguém estabelece fronteiras (...) *Mas nada é tão simples assim*

porque é preciso explicar de que modo as separações são feitas e como são legitimadas e aceitas pela comunidade da propriedade privada e suas origens.” (DA MATTA, 1997, p.30)

Da Matta (1997, p.30) vem nos dizer que “*não existe uma medida orgânica, natural ou fisiológica de uma categoria de pensamento e ação tão complexa quanto o espaço*” e que “*não se pode, de fato, falar de espaço sem falar de tempo*” (1997, p.32). O Carico estaria, então, como ele diz: “*embebido do sistema de ação social e encapsulado num sistema heterogêneo de duração, de medida e até mesmo de percepção e relacionamento*” e (...) “*O fato é que tempo e espaço constroem e, ao mesmo tempo, são construídos pela sociedade dos homens.*” (1997, p.30). Poderíamos dizer, então, que o Carico, resultado dessa composição, poderia ser esse ‘não-lugar’ e também esse ‘não-tempo’ significando uma pluralidade de ‘lugares’ e uma pluralidade de ‘tempos’ - subjetivos, múltiplos e fluidos -, coexistindo como formas paralelas.

Um trecho define bem o Carico como sistema de tempo-espaço, relacionando-o a possibilidade de construção de memórias:

(...) cada sociedade tem uma gramática de espaços e temporalidades para poder existir como um todo articulado, e isso depende fundamentalmente de atividades que se ordenam também em oposições diferenciadas, permitindo lembranças ou memórias diferentes em qualidade, sensibilidade e forma de organização (...) é que cada sociedade ordena aquele conjunto de vivências que é socialmente provado e deve ser sempre lembrado como parte e parcela do seu patrimônio. (DA MATTA, 1997, p.34)

Da Matta ainda admite que há que se pensar em “*questões de espaços diferenciados, de medidas de temporalidade complementares e opostas, e, - como consequência - um sistema de lembranças diferentes*” (1997, p.34). Ora, essa é uma ótica sofisticada e mais adequada para ‘apreender’ a complexidade do ‘sistema Sitio do Carico’, no qual existem inúmeras ‘camadas’ de tempo, inúmeras ‘camadas’ de experiências’, aparentemente no mesmo espaço (mas, na verdade, no espaço temporal relacionado a cada ‘camada’, sendo assim, também o espaço ‘multiplicado’, ‘ampliado’), e que podem ou não guardar relação, complementaridade ou dependência entre si, com as mesmas possibilidades no campo da geração/construção de memórias. “*O mundo ordenado por suas relações com os grupos que se combinam e se reformulam, na complexa lógica social que cada sociedade ordena para si e para os seus membros*” (DA MATTA, 1997, p. 39).

3.3 A REPRESENTAÇÃO EM LIMA BARRETO. A MEMÓRIA FEITA VIDA E ARTE. O PODER SIMBÓLICO SUSTENTANDO A VIDA.

Existem temporalidades diferenciadas e certamente problemáticas, pois uma coisa é o tempo da pessoa e da biografia individual com sua fragilidade e contundente finitude; outra coisa é o mistério da história e da continuidade da sociedade que, conforme nos disse Durkheim, existe antes de nós e continuará existindo depois. (DA MATTA, 1997, p.41).

As várias ocupações do Sítio do Carico, a sua história, as várias comunidades que ali habitaram, as várias funções a que se prestou, as experiências ali vividas e as forças que ali atuaram constituíram um lugar de experiências e identidade. Convivem ali abordagens transversais e complementares, intrinsecamente relacionadas, que constituem as ‘fases’ do Sítio do Carico, possibilitando cada fase uma representação diferente do lugar, tantas quanto foram os grupos que o ocuparam ou as experiências ali vividas, ou até mesmo os olhares sobre o objeto. Essas representações podem estar diretamente relacionadas à formação de memórias e são matrizes que influenciam na sua construção. Uma dessas fases foi destacada: a fase na qual se insere a história da família Lima Barreto e, mais especificamente a do escritor Lima Barreto.

Se esse espaço em si já é tão complexo, múltiplo e cheio de possibilidades de desdobramento, ‘a entrada’ de um novo sujeito nesse cenário, vem ampliar as considerações sobre memória - mais especificamente a memória individual *versus* memória coletiva - calcada na questão da representação. Além das representações do próprio espaço e da sua carga de vivências, se somará a isso a de outro sujeito da relação entre ambas. Como se coadunam as instâncias coletivas e individuais? Como já visto, elas se interdependem e ressoam uma na outra. Assim o arcabouço de memórias de determinado sujeito cria uma caixa de ressonância que interage com outra caixa de ressonância.

É preciso voltar os olhos para acervo de que dispomos em relação ao nosso segundo sujeito para destacar duas características marcantes na obra de Lima Barreto: o caráter biográfico e a denúncia. Esta última, decorrente não só do seu olhar arguto sobre a sociedade e os indivíduos, mas também de suas próprias experiências, como uma forma de catarse, de válvula de escape - então expressou o escritor através de sua pena a questão racial em si; o preconceito, racial e social; as dificuldades das classes mais pobres; o preconceito contra a mulher e as suas dificuldades na sociedade contemporânea; a hipocrisia e os valores

burgueses; a corrupção de valores morais e éticos; a conduta dos políticos; a crítica ao sistema burocrático; os grandes conceitos supranacionais - questões em que se posicionou perante o mundo contemporâneo, como a guerra, o poder do Estado, a religião, o trabalho, o comportamento em geral.

Dentro desse enorme leque de expressão e posicionamento - mesmo nos textos de denúncia - ou talvez por isso mesmo - vemos também o caráter biográfico quase sempre presente. De fato, uma análise por toda a sua obra literária e o olhar concomitante para a sua vida demonstram o quanto de autobiográfico tem a sua literatura. O quanto os fatos, as pessoas que com ele cruzaram, os episódios vivenciados, as marcas deixadas, as dificuldades experimentadas, tudo foi quase que 'transposto' para sua obra. Seus personagens foram inspirados nas pessoas com quem conviveu, quando não, nele mesmo, chegando até a recriar cenas e diálogos inteiros, copiando fatos vividos.

É assim que podemos identificar em vários momentos de sua prosa, ao menos três casos como exemplos. Primeiramente, o do personagem do Major Quaresma, em "*Triste Fim de Policarpo Quaresma*", claramente inspirado em seu pai, com a mesma descrição física e emocional, e com as mesmas preocupações relacionadas à terra, à política, aos destinos do País: um retrato de João Henriques naquele momento do Sítio do Carico. Segundo, o escrivão Isaías, do romance "*Recordações do escrivão Isaías Caminha*", que encarna o próprio Lima Barreto como o escrivão do Ministério da Guerra e a observação de toda a máquina burocrática". E, ainda, o personagem Gonzaga de Sá, de "*Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*", onde retrata também a si próprio pelas ruas do Rio de Janeiro, refletindo sobre a hipocrisia de sua época, seu próprio pai, a imprensa carioca, o serviço público, etc...

O biógrafo nos aponta a descrição do pai, "(...) *esse pai, tão amigo e inteligente, que Lima Barreto há de conservar uma grande admiração por toda a vida*" (BARBOSA, 2002, p.78) e também o compara a seus personagens: "*Muito provavelmente dele se lembrou, mais ainda, que no retrato de Policarpo Quaresma, ao traçar o perfil do pai do Isaías Caminha*":

(...) Meu pai, o seu corpo anguloso, seco, a sua dor contida, que se escapava no seu olhar e na sua fisionomia transtornada. Via-o à tarde, nos dias de bom humor, mudá-lo de chofre, fazer-se risonho, vir para mim, sentar-se à mesa, e, à luz do lampião de querosene, explicar-me pitorescamente as lições do dia seguinte. (BARRETO, Feiras e Mafuás, 1920, 226)

O pesquisador André Luiz dos Santos nos aponta em sua dissertação de mestrado o caráter memorialista de Lima Barreto: "*Lima... escritor eminentemente memorialista*"

(SANTOS, 2001, p.38). Com isso, Santos (2001) quer nos dizer mais que somente ‘autobiográfico’; quer nos dizer que Lima Barreto construiu memórias: recriou o passado, reutilizou-o, manejou-o, inseriu-o, modificou-o - e colocou esse passado ‘a seu serviço’. Usando a sua ficção, criou um novo mundo (e essa não é a função dos escritores?), para onde ‘migrou’, da forma que desejou, o mundo e a vida reais.

Diante da trajetória difícil - e quase trágica - do escritor, na passagem da adolescência para a vida adulta; dos fatos marcantes já narrados; e da contraposição dessa tragicidade com a infância protegida e feliz, havendo mesmo uma violenta ruptura entre ambas, o escritor usará a literatura - ficção e não-ficção - como um eterno retorno ao passado, um eterno elaborar, fazendo ‘mais valorizada’ ainda essa infância feliz e segura onde o mundo ainda não havia invadido. Verifica-se que houve o que chamaríamos de uma ‘internalização’ do Sítio do Carico, uma apropriação pessoal do espaço (espaço aqui como conjunto de vivências, experiências e práticas pessoais e sociais) segundo a conotação que tal vivência lhe inspirou - o imaginário ancorado no real.

Assim, fazemos uma associação direta entre a representação dada por esse sujeito ao espaço e às narrativas vinculadas a esse espaço, a esse sujeito e ao conjunto sujeito-espaço. Se essas narrativas produzem significados, a representação apresenta-se como um ícone evocador, que condensa os significados do objeto. Walter Benjamin (1987) traz, essa idéia de uma figura - o narrador - valorizada como um produtor de significados, autor de novas representações e, conseqüentemente de memórias. Assim, a tecitura da história é o (com)partilhamento e o externamento da experiência - a própria construção da memória. É dessa forma que o Sítio do Carico pode ser visto: uma grande malha de experiências que se desenrola ao longo do tempo, ancorado em um espaço real e manifestado em uma construção memorialística de um determinado sujeito: Lima Barreto.

Mas se falamos que a obra de Lima Barreto caracteriza-se por uma veia autobiográfica, seja na ficção ou na não-ficção - e também na forma de diários com anotações diretas sobre fatos -, poderíamos, então, associar essas narrativas com a categoria dos testemunhos. Ora, os testemunhos têm um valor documental, pois que apresentam um comprometimento com o factual, com a história. Beatriz Sarlo, em sua acurada análise “*Tempo passado*” (2007), nos alerta para o cuidado com os testemunhos: terreno que habita o real e o imaginário, o factual e o emocional; a história e a memória, não há que desprezá-los nem supervalorizá-los, mas cabendo ao pesquisador, ao avaliar uma série de critérios, dar o peso certo àquela narrativa testemunhal, para que ela não exceda nem falte.

De alguma forma, vemos algo de testemunhal nas narrativas de Lima Barreto que guardam ligação com a área do pungente, do tocante ao se olhar o real; é talvez a narrativa em sua forma mais genuína, pois que despida do arcabouço e da roupagem ficcional. Os relatos de Lima estão em testemunhos diretos, como em *‘Diário Íntimo’* e *‘Cemitério dos Vivos’*; e indiretos, encoberto pelas histórias, na voz dos personagens. Certamente esse é mais um ponto a ser valorizado no conjunto de sua obra, enriquecendo análises. Assim, se essas narrativas testemunhais têm, além de uma associação com os fatos, também uma associação com o campo da vivência, da emoção, do pessoal - e, encontram-se, portanto, nesse *interregno*, impregnadas dos dois polos -, podemos dizer que são também uma forma e um instrumento de construção de memórias.

3.4 A CASA. O LAR. A FELICIDADE (RES)GUARDADA. O CARICO EM LIMA.

Um ninho (...) um santuário (...) um espaço infenso ao tempo linear, onde as coisas “lá de fora”, do mundo e da rua não atingem. (DA MATTA, 1997, p.49)

E percebemos que o espaço em si, com toda a sua gama de experiências e vivências, foi influência marcante no imaginário do escritor, porque parte importante do repertório emocional: foi “recriado” e “transplantado” para os livros do escritor, e passou a integrar o imaginário *barreteano*.

É assim que podemos identificar, em vários momentos de sua prosa, as referências a esse ‘espaço-tempo’ como a imagem do paraíso: “...*As árvores, os pássaros, cavalos, porcos, bois enfim todo aquele aspecto rustico, realçado pelo mar próximo, enchia a minha meninice de sonho e curiosidade. (BARRETO, Feiras e Mafuás, 1920, p 226)*. Ou: “...*naqueles dias ansiosos e satisfeitos da minha meninice, isentos ainda de qualquer visão amarga do mundo e do desespero do meu próprio destino (BARRETO, Feiras e Mafuás, 1920, p 64)*).

Ou, ainda, a descrição que deixou do real Sítio do Carico, em ‘Feiras e Mafuás’:

(...) a casa era uma velha habitação roceira, vasta e cômoda, com grandes salas e amplos quartos, edificada num lugar denominado Carico. O sítio que a cercava tinha de frente cerca de quatrocentos metros de um bambual cerrado e verde que suspirava quando de tarde a viração soprava do mar. De capoeirões e cheios de formigueiros, que permitiam a custo qualquer cultura e, da fruteiras, só deixavam medrar os cajueiros que eram o orgulho de minha residência. Nunca os tão belos e talvez nunca mais chupe cajus tão doces com tanta volúpia. (BARRETO, 1920, p.62).

O biógrafo aponta que a descrição anterior é quase a mesma da que fez o romancista da morada de Policarpo Quaresma, no Sítio do Sossego:

(...) risonha e graciosa nos seus muros caiados, com vastas salas, amplos quartos, todos com janelas, e uma varanda com uma colunata heterodoxa, ainda que edificada com a desoladora indigência arquitetônica das nossas casas de campo. (BARRETO, Triste Fim de Policarpo Quaresma, 1915, p.115).

E se pergunta se não teria “*sido ideado o Sítio do Sossego à imagem e semelhança do Sítio do Carico! E o personagem, o admirável Policarpo Quaresma, na sua paixão pela agricultura, não teria sido inspirado pelo próprio pai do escritor?*”. (BARBOSA, 2002, p.75).

Interessa-nos ressaltar a construção de memórias realizada pelo escritor, esse sujeito que, como dissemos, através da literatura, narra, descreve essa casa original, primeira: o Carico. Lima Barreto recriou o Sítio do Carico e resguardou-o, como um simulacro, como um núcleo de resistência ‘das coisas felizes’. Mais que tudo, ele cria um novo espaço-tempo, ou reedita esse espaço-tempo original permanentemente. Atualiza-o recorrentemente, como um modo de vivenciá-lo no presente, a cada dia. Essa a função da memória: reeditar, criar, se alimentar e alimentar.- manter algo vivo para, através disso, se manter vivo. A memória como veia e fonte de vida, alimentadora, mantenedora.

Gastón Bachelard, em “A Poética do Espaço” (2000, p.200), disse que o homem habita a sua casa antes de habitar o mundo: “*Todo o espaço realmente habitado traz a essência da noção de casa*” e “*a casa é o nosso canto no mundo*”, “*nosso primeiro universo*”. Bachelard destacou fundamentalmente a função de proteção da casa e viu os “espaços felizes” como “espaços de posse”: espaços imaginados, construídos, edificados e possuídos pelo homem, e defendidos contra as “forças adversas” da natureza e da economia capitalista que reduz a casa à sua mera funcionalidade. Ele trata da “função original do habitar” e de compreender o germe da “felicidade central, segura, imediata”: “*Encontrar a concha inicial em toda a moradia, mesmo no castelo*”... “*A imagem poética (da casa) está sob o signo de um novo ser*” e “*esse novo ser é o homem feliz*”.

Acerca de espaços que guardam e que abrigam, e do homem que procura essa proteção, ele diz ainda:

Quando se sonha com a casa natal, na profundidade extrema do devaneio, participa-se desse calor primeiro, dessa matéria bem temperada do paraíso material. É nesse ambiente que vivem os seres protetores (...) Gostaríamos de indicar a plenitude essencial do ser da casa. (...) E o poeta bem sabe que a casa mantém a infância imóvel 'em seus braços'. (BACHELARD, 2000, p.202).

CONCLUSÃO

Essa pesquisa nasceu do desejo de unir temas caros ao meu coração. Mas principalmente porque, ao me debruçar sobre esse material, o percebi com imensas possibilidades de análises acadêmicas. O Sítio do Carico, com o seu acervo multifacetado; Lima Barreto, o seu morador ilustre; a relação existente entre esses dois. A lente? A memória social.

Vistos separadamente, cada motivo acima, por si só, já despertaria o interesse do pesquisador. Associá-los pareceu-nos simplesmente inevitável, sedutor, desafiador. Analisar a produção de memórias a partir de Lima Barreto sobre o Sítio do Carico tornou-se o nosso objetivo.

O caminho até essa página de conclusão foi longo e cheio de dúvidas, desde a primeira: haveria ali algo a ser investigado pela academia e que, de fato, traria alguma contribuição ao conhecimento? É que havia tanto, que olhar, selecionar e colher não era uma tarefa fácil...

Foi também um caminho cheio de desafios. De idas-e-vindas - no pensamento, na abordagem, na forma -. Em vários momentos, ‘retornei’ ao ponto de partida, perguntando-me de novo se era válida essa pesquisa. É que o material era tão nobre, que escolher como lidar com ele, às vezes, imobilizava.

O recorte do objeto, portanto, foi de difícil confecção visto que o campo era amplo, possibilitando variadas abordagens; o material, vasto; e as vertentes possíveis, variadas. Como foi, então, tão trabalhoso quanto sedutor unir esses temas, tentar relacioná-los, ou mesmo descobrir as relações já existentes – costurar, na verdade, esse raciocínio. Hoje, pronta a dissertação, parece um ovo de Colombo – “que coisa mais simples: faça três capítulos, um abordando o espaço; outro, Lima Barreto; e um terceiro, relacionando-os à luz da memória”... Mas para chegar até aí, quantas voltas no pensamento...

Agarrado o tema, delimitado o objeto, mãos à obra para a leitura, para a garimpagem. E quanto mais se revolia o terreno, mais material se achava. Então, esse seria um mestrado interminável e a dissertação, um diálogo infinito. Mas não foi; não poderia ser... E a pesquisadora colocou para si modestos objetivos, mas nem por isso menos importantes - ou sua busca menos encantadora.

A pesquisa procurou descortinar o quanto de material memorável havia e há nesse espaço chamado de Sítio do Carico e o quanto de interpretações e análises poderia ser feito. Buscou também abordar a figura de Lima Barreto pelo aspecto que o liga a esse lugar: o fato de ter vivido ali em sua infância, em um tempo declaradamente feliz para um personagem que teve, afinal, uma vida tão trágica. E isso, por si só, já era uma preciosidade. E, por fim, essa ligação deveria ter um elo e ele se chamaria Memória.

Analisar a produção e a construção de memórias de Lima Barreto sobre o Sítio do Carico tornou-se a questão principal. Além disso, tentar mostrar também como esse espaço representava, no imaginário de Lima Barreto, um ‘núcleo interno’ relacionado à segurança, à felicidade, à tranquilidade. E, recriado pela sua imaginação e reinventado pela sua escrita, o Sítio do Carico se tornou uma ‘outra coisa’, uma outra ordenação, um outro espaço – perene, imutável, infinito, invulnerável. O ‘espaço-tempo’ onde Lima Barreto se ancorou, se sustentou.

Além disso, observamos que o espaço e Lima Barreto guardavam uma essencial ‘semelhança’ ou ‘afinidade’, como sendo um núcleo não-apaziguado, de múltiplos significados, repleto de paradoxos, conflitos e tensões.

Já sabíamos que o escritor muito utilizou da sua biografia na sua literatura, o tendo feito mesmo, pensamos, como uma forma de catarse ou elaboração. O que foi novo foi ver o quanto houve de construção de memórias e não de ‘simplesmente’ autobiográfico, ocupando um papel tão importante - e diríamos, até mesmo, fundamental -.

A pesquisa nos mostrou como o real e o imaginário podem interagir entre si e como a memória se alimenta dessas duas instâncias; como ela é infinitamente ‘desdobrante’ e ‘desdobrável’; como ela é enfim, um lugar de vida, de energia, de pulsação... Que pode sustentar indivíduos, nações, culturas, povos, sistemas... um lugar de força.

A ‘ideia da casa’ como signo do espaço protegido e protetor, que evoca a instância da ‘infância íntima e emocional’ - lugar de conforto, proteção e felicidade - como esse espaço revitalizante e revitalizador onde vamos beber durante a caminhada da vida, se confirmou. E é um alento que assim o tenha sido.

Também ressalto aqui a minha grata surpresa ao constatar que a academia pode e deve também ser o lugar onde debatemos questões que parecem tão fluidas, tão voláteis - que poderiam, em um primeiro momento para o expectador mais desatento, até estar apenas em um livro de poesias – mas que nem por isso, ou exatamente por isso, carecem dos mais altos

estudos; dos olhares atentos; e das teorias dos grandes gênios do conhecimento (aqueles gigantes a quem Newton¹⁰ se referiu) a nos embasar o raciocínio.

Certamente essa jornada ficará ainda “ecoando” em minha mente - como quando findamos uma viagem e, ao rememorar-la, “descobrimos” uma série de detalhes e instâncias não percebidos no durante – e isso será ótimo! Muitas conclusões ainda serão tiradas – talvez revistas e alargadas – por mim e por outros. Quem sabe, no futuro, de tudo se discorde! É legítimo: é o fluxo do pensamento e da vida que corre sem parar, como o rio de Heráclito¹¹! Mas nada tirará a beleza nem a verdade desse exato momento, dessa caminhada.

Espero, mais que tudo, desejo, que esse estudo seja uma contribuição – ou, ao menos, uma inspiração – para se pensar Lima Barreto e a ‘sua musa’ Mnemosine¹², que o ajudou a caminhar por entre pântanos e que, de alguma forma, em relação tão íntima, o preservou do esquecimento.

¹⁰ Isaac Newton (1643-1727), cientista, físico e matemático inglês.

¹¹ Importante filósofo de sua época (535 a.C. - 475 a.C.), período pré-socrático, considerado por muitos o pai da dialética com seu aforisma mais conhecido que diz que tudo é movimento, que ninguém pode banhar-se duas vezes no mesmo rio.

¹² Deusa na mitologia grega, uma das titânides que personificava a memória.

REFERÊNCIAS

ABREU, Maurício de A. **A evolução urbana do Rio de Janeiro**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Instituto Pereira Passos, 2013.

_____. **Geografia histórica do Rio de Janeiro**. v. 2. Rio de Janeiro: Andrea Jakobson Estúdio & Prefeitura do Município do Rio de Janeiro, 2010.

_____. (org.) **Rio de Janeiro: formas, movimentos, representações: estudos de geografia histórica carioca**. Rio de Janeiro: Da Fonseca Comunicação, 2005.

AMARANTE, Paulo. **Psiquiatria social e colônias de alienados no Brasil (1830-1920)**. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 1982.

_____. (org.) **Guia de fontes e catálogo de acervos e instituições para pesquisas em saúde mental e assistência psiquiátrica no Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Laps/Ensp/Fundação Oswaldo Cruz, 2004. Disponível em: http://www4.ensp.fiocruz.br/eventos_novo/dados/arq423.pdf. Acesso em: 23/06/2010.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

BARRETO, Lima. **Cemitério dos vivos**. Rio de Janeiro: Cosac Naify, 2010.

_____. **Diário íntimo**. Rio de Janeiro: Cosac Naify, 2010.

_____. **Triste Fim de Policarpo Quaresma**. Rio de Janeiro: Typographia Revista dos Tribunais, 1915.

_____. **Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá**. São Paulo: Ed. da Revista do Brasil, 1919.

_____. **Recordações do escrivão Isaias Caminha**. São Paulo: Ártica, 1995.

BELCHIOR, Pedro. **Tristes subúrbios: literatura, cidade e memória em Lima Barreto. (1881-1922)**. Rio de Janeiro, 2011. 186f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, Niterói, RJ, 2011.

BENJAMIN, Walter. *O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. In: **Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BIBLIOTECA NACIONAL, acervo. Documentos Lima Barreto, cedidos gentilmente pelos pesquisadores Lilia Moritz Schwarz, Lucia Garcia e Pedro Galdino, Rio de Janeiro, em 2010.

CASSÍLIA, Janis; VENANCIO, Ana. História da política assistencial à doença mental (1941-1956): o caso da Colônia Juliano Moreira no Rio de Janeiro. In: **Simpósio Nacional de História** – Anpuh, 24. 2007, São Leopoldo. *Anais*, São Leopoldo: Unisinos. Disponível em: <http://snh2007.anpuh.org/resources/content/anais/Ana%20Teresa%20Venancio.pdf> Acesso em: 24/08/2010.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Cascas**. Rio de Janeiro: *Serrote*. Revista do Instituto Moreira Salles, n. 13, p. 98-133, março, 2013.

FACCHINETTI, Cristiana et al. **No labirinto das fontes do hospício nacional de alienados**. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.17, supl.2, p. 733-768, dez. 2010, <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v17s2/31.pdf>

Encontro de Geógrafos da América Latina. Trabalho: **Geonímia dos distritos, vilas e rede hidrográfica do do rio de janeiro**. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Geociências, Departamento de Geografia, Laboratório de Cartografia, Rio de Janeiro, 2009, <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Nuevastechnologias/Cartografiatematica/19.pdf> Acessado em 03/09/2014.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

IPANEMA, Cybelle de. **História da Ilha do Governador**. Rio de Janeiro: Marcello de Ipanema, 1991.

_____. **Indicador da Ilha do Governador: litoral relevo e hidrografia**. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Marcelo de Ipanema, 1993.

_____. **História da Ilha do Governador**. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Marcello de Ipanema, 1991.

_____. **História da Ilha do Governador**. 2 ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2013.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História - Revista do Programa de Estudos pós-graduados em História e do Departamento de História, São Paulo, v. 10, 1993.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento e silêncio**. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

REZENDE, Beatriz. Entrevista. Disponível em <http://www.saraivaconteudo.com.br/Materias/Post/10423> Acessado em 23/01/2015.

RICOUEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, São Paulo: Editora UNICAMP, 2007.

SANTOS, André Luiz dos. **A casa do louco**. Dissertação (Mestrado). Instituto de Letras da UERJ, Rio de Janeiro, 2001.

SIGAUD, Xavier. **Diário de saúde**. 1835. Semanário de Saúde Pública pela Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro. 1831, n° 15. Disponível em <http://www.ccs.saude.gov.br/memoria%20da%20loucura/mostra/reformapsiquiatria.html> Acesso em 25/11/2014.

SIMMEL, George. De A metrópole e a vida mental. In: **O fenômeno urbano**. Org. Otavio Gilberto Velho. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

SOUTO, Judite Paiva. **Uma vasta caieira: um estudo sobre os fabricantes de cal da freguesia da Ilha do Governador (1861-1900)**. Rio de Janeiro, 2015. 141f. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, Niterói, RJ, 2015.

SOUZA, Jorge Victor de Araújo. **Poder local entre ora e labora - a casa beneditina nas tramas do Rio de Janeiro seiscentista**. Rio de Janeiro: Editora UFF, 2011.

_____. **Para além do claustro: uma história social da inserção beneditina na América Portuguesa** (1580-1690). Rio de Janeiro, 2011, 325f. Tese (Doutorado). Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, Niterói, RJ, 2011.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de marx**. Rio de Janeiro: Ed Autentica, 2010.

Site Câmara disponível em <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1910-1919/decreto-13189-11-setembro-1918-512222-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em 25/01/2015.

Site da Fiocruz: disponível em <http://www.fiocruz.br> - Acesso em: 08/10/2014.

Site do Centro Cultural do Ministério da Saúde (CCS): disponível em <http://www.ccs.saude.gov.br/memoria> - Acesso em: 06/09/2014.